



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA**

**A CORÉIA POPULAR NAS PÁGINAS DO O GLOBO:  
DO ANTICOMUNISMO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

**(1950-1953) (2006-2017)**

**ALEJANDRO LARROCHA BRAGA**

Foz do Iguaçu  
2025

**A CORÉIA POPULAR NAS PÁGINAS DO O GLOBO:  
DO ANTICOMUNISMO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO  
(1950-1953) (2006-2017)**

**ALEJANDRO LARROCHA BRAGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato

Foz do Iguaçu  
2025

ALEJANDRO LARROCHA BRAGA

**A CORÉIA POPULAR NAS PÁGINAS DO O GLOBO:  
DO ANTICOMUNISMO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO  
(1950-1953) (2006-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva  
UNILA

\_\_\_\_\_  
Prof. Ma. Cleusa Gomes da Silva  
UNILA

\_\_\_\_\_  
Prof. Silvio Roberto Durante Sobrinho

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Nome do orientador(a): \_\_\_\_\_

Data da Defesa: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_

Assinatura do Responsável

## **AGRADECIMENTOS**

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Ao Professor Paulo Renato da Silva que me acompanhou durante todo esse período, dando auxílio necessário para a elaboração do projeto.

À banca por ter aceitado avaliar o trabalho, cujas sugestões e apontamentos serão importantes para a redação final.

Aos meus pais, Sandra Braga e Ivan Larrocha e à minha família que me incentivaram e ampararam em cada momento e não permitiram que eu desistisse.

Aos amigos que torceram e depositaram a confiança em mim.

E a Lara Fratucci e família que me acompanharam e deram suporte durante todo processo.

*Podrán cortar todas las flores,  
pero no podrán detener la primavera*

**Pablo Neruda**

BRAGA, Alejandro Larrocha. *A Coréia Popular nas Páginas do O Globo: Do Anticomunismo aos Meios de Comunicação*. 2025. 60 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História – América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2025.

## RESUMO

Com base no conceito de representação de Roger Chartier e nos procedimentos metodológicos da pesquisa com imprensa destacados por Tânia Regina de Luca, o objetivo deste trabalho é analisar o discurso anticomunista presente nas coberturas do jornal O Globo em relação à Coreia do Norte, com ênfase nos seis testes nucleares realizados entre 2006 e 2017. Para contextualizar essa análise, também será considerado o período da Guerra da Coreia (1950-1953), permitindo um panorama histórico da cobertura. A justificativa está embasada por sua relevância geopolítica e por representarem momentos em que a Coréia do Norte ocupou um lugar de destaque na mídia internacional. A metodologia adotada neste estudo combina revisão bibliográfica e análise comparativa. A análise proposta busca identificar as permanências nas representações construídas pelo jornal ao longo desses períodos, evidenciando como o discurso anticomunista se adaptou às transformações do contexto global. A conclusão demonstrada neste estudo traz a reflexão que o discurso anticomunista do Jornal O Globo em relação à Coréia do Norte não apenas reflete um alinhamento ideológico com os interesses do Ocidente liberal, mas também contribui para a perpetuação de representações estereotipadas e simplificadas do país. A análise comparativa entre a Guerra da Coréia e a Crise Nuclear revela tanto as continuidades quanto as transformações desse discurso, destacando o papel da mídia na construção de narrativas geopolíticas e na legitimação de determinadas visões de mundo. Desta forma esta pesquisa abriu caminhos para uma compreensão mais crítica e contextualizada da cobertura midiática sobre a Coréia do Norte, bem como para uma reflexão mais ampla sobre as relações entre mídia, poder e ideologia.

**Palavras-chave:** Anticomunismo. Coréia do Norte. Mídia.

BRAGA, Alejandro Larrocha. **Popular Korea in the Pages of *O Globo*: from Armed War to the Media**. 2025. 58 pages. Course Completion Work (Graduation in History – Latin America) – Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2025.

## ABSTRACT

Based on Roger Chartier's concept of representation and the methodological procedures of press research highlighted by Tânia Regina de Luca, the objective of this study is to analyze the anti-communist discourse present in the coverage of the newspaper *O Globo* in relation to North Korea, with an emphasis on the six nuclear tests carried out between 2006 and 2017. To contextualize this analysis, the period of the Korean War (1950-1953) will also be considered, allowing a historical overview of the coverage. The justification is based on its geopolitical relevance and because it represents moments in which North Korea occupied a prominent place in the international media. The methodology adopted in this study combines bibliographical review and comparative analysis. The proposed analysis seeks to identify the permanences in the representations constructed by the newspaper throughout these periods, evidencing how the anti-communist discourse adapted to the transformations of the global context. The conclusion demonstrated in this study leads to the reflection that the anti-communist discourse of the newspaper *O Globo* in relation to North Korea not only reflects an ideological alignment with the interests of the liberal West, but also contributes to the perpetuation of stereotypical and simplified representations of the country. The comparative analysis between the Korean War and the Nuclear Crisis reveals both the continuities and the transformations of this discourse, highlighting the role of the media in the construction of geopolitical narratives and in the legitimization of certain worldviews. In this way, this research opened the way for a more critical and contextualized understanding of the media coverage of North Korea, as well as for a broader reflection on the relations between media, power and ideology.

**Key words: Anticommunism. North Korea. Media.**



BRAGA, Alejandro Larrocha. *Corea Popular en las Páginas del O Globo: De la Guerra Armada a los Medios de Comunicación*. 2025. 58 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Historia America Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2025.

## RESUMEN

A partir del concepto de representación de Roger Chartier y de los procedimientos metodológicos de investigación de prensa destacados por Tânia Regina de Luca, el objetivo de este trabajo es analizar el discurso anticomunista presente en la cobertura del periódico *O Globo* en relación a Corea del Norte, con énfasis en las seis pruebas nucleares realizadas entre 2006 y 2017. Para contextualizar este análisis, también se considerará el período de la Guerra de Corea (1950-1953), permitiendo un panorama histórico de la cobertura. La justificación se basa en su relevancia geopolítica y porque representan momentos en los que Corea del Norte ocupó un lugar destacado en los medios internacionales. La metodología adoptada en este estudio combina la revisión bibliográfica y el análisis comparativo. El análisis propuesto busca identificar las continuidades en las representaciones construidas por el periódico a lo largo de estos períodos, destacando cómo el discurso anticomunista se adaptó a las transformaciones del contexto global. La conclusión demostrada en este estudio lleva a la reflexión de que el discurso anticomunista del periódico *O Globo* en relación a Corea del Norte no sólo refleja un alineamiento ideológico con los intereses del Occidente liberal, sino que también contribuye a la perpetuación de representaciones estereotipadas y simplificadas del país. El análisis comparativo entre la Guerra de Corea y la Crisis Nuclear revela tanto las continuidades como las transformaciones de este discurso, destacando el papel de los medios de comunicación en la construcción de narrativas geopolíticas y en la legitimación de ciertas visiones del mundo. De este modo, esta investigación abrió el camino para una comprensión más crítica y contextualizada de la cobertura mediática de Corea del Norte, así como para una reflexión más amplia sobre las relaciones entre medios, poder e ideología.

**Palabras clave:** Anticomunismo. Corea del Norte. Medios de comunicación

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Até os trabalhadores são objeto de contrato com a Rússia .....	47
Figura 2- Perigo mundial! .....	49
Figura 3- Todo a Rússia está fazendo comícios... Pró paz! .....	51
Figura 4- É preciso conversar com monstros.....	56
Figura 5- ONU condena Coreia do norte.....	58
Figura 6- Contrastes de um povo dividido há meio século .....	59
Figura 7: "De ameaça local a global". Recorte do acervo digital do O Globo. ....	62

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>15</b>
2.1 A ORIGEM COREANA: DA ERA DO BRONZE AO IMPERIALISMO JAPONÊS.....	15
2.2 O ANTICOMUNISMO NO BRASIL: A REVOLUÇÃO QUE NUNCA ACONTECEU.....	24
2.2.1 Pilares do Imaginário Anticomunista.....	29
2.2.2 Catolicismo e o Anticomunismo.....	30
2.2.3 Nacionalismo e Anticomunismo no Brasil.....	33
2.2.4 Liberalismo como Matriz Ideológica do Anticomunismo.....	37
2.2.5 O Imaginário Anticomunista.....	41
2.3 A COBERTURA JORNALÍSTICA DO JORNAL O GLOBO SOBRE A CORÉIA DO NORTE.....	42
2.4 A CORÉIA POPULAR NAS PÁGINAS DO O GLOBO: DO ANTICOMUNISMO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	46
2.4.1 A cobertura da Guerra.....	46
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo central analisar o discurso anticomunista presente nas coberturas do Jornal *O Globo* em relação à Coreia do Norte, com foco em dois períodos históricos distintos: a Guerra da Coreia (1950-1953) e os seis testes nucleares que ocorreram entre 2006 e 2017. A escolha desses períodos se justifica por sua relevância geopolítica e por representarem momentos em que a Coreia do Norte ocupou um lugar de destaque na mídia internacional. A análise proposta busca identificar as permanências e rupturas nas representações construídas pelo jornal ao longo desses períodos, evidenciando como o discurso anticomunista se adaptou às transformações do contexto global.

A metodologia adotada neste estudo combina revisão bibliográfica e análise discursiva. Para a coleta de dados, foi utilizada a ferramenta de busca disponível no acervo digital, da edição virtual do jornal impresso do *O Globo*, com a palavra-chave “Coreia” como ponto de partida. O filtro de “relevância” oferecido pelo site foi utilizado para selecionar as matérias consideradas mais significativas pelo próprio jornal. Além disso, a revisão bibliográfica inclui obras fundamentais para contextualizar a história da Coreia do Norte e o anticomunismo no Brasil, proporcionando um embasamento teórico sólido para a análise das representações midiáticas.

O Jornal *O Globo* pertence ao Grupo Globo, o maior conglomerado de mídia da América Latina. Fundado em 1925, o jornal consolidou-se como uma das principais fontes de informação no Brasil, cobrindo eventos históricos e políticos de relevância nacional e internacional. O Grupo Globo exerce uma influência significativa no país, não apenas por meio de seu jornalismo, mas também através de suas produções audiovisuais, como novelas e programas de entretenimento. Em 2018, quando esta pesquisa foi iniciada, o Jornal *O Globo* registrou um aumento de 6,6% no número de assinaturas impressas e digitais, totalizando 315.044 assinaturas, segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Até 2022, o jornal manteve-se líder em número de assinaturas, reforçando seu papel central no cenário midiático brasileiro.

Essa ampla influência torna o Jornal *O Globo* uma fonte privilegiada para analisar como as informações são transmitidas ao público brasileiro e como determinadas narrativas são construídas e reproduzidas. A escolha desse veículo de comunicação como objeto de estudo permite uma análise profunda do conteúdo que chega aos leitores, bem como das estratégias editoriais e ideológicas que orientam sua cobertura.

Para contextualizar a história da Coreia do Norte e sua relação com o discurso anticomunista, a pesquisa parte da obra *A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo Zuche* de Paulo G. Fagundes Vicentini, Analúcia Danilevicz Pereira e Helena Hoppen Malchionna. Este livro, uma das obras mais completas em português sobre o país, oferece um panorama detalhado da formação da Coreia do Norte, destacando o papel da Guerra da Coreia (1950-1953) na consolidação do regime norte-coreano e na construção de sua imagem internacional. A Guerra da Coreia, que marcou o início da Guerra Fria, não apenas moldou o país como o conhecemos hoje, mas também influenciou profundamente a percepção ocidental sobre a Coreia do Norte como um Estado isolado e ameaçador.

Em seguida, a pesquisa recorre à obra *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, de Rodrigo Patto Sá Motta, para compreender o desenvolvimento do anticomunismo no Brasil. Motta destaca dois eventos fundamentais para a consolidação do anticomunismo no país: a Revolução Russa de 1917 e a Intentona Comunista de 1935. Além disso, o autor identifica três matrizes ideológicas que sustentaram o movimento anticomunista no Brasil: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. A obra de Motta também evidencia o papel da imprensa na disseminação do discurso anticomunista, contribuindo para a formação de uma “indústria do anticomunismo” e para a institucionalização desse ideário no país.

A análise seriada de periódicos é uma metodologia fundamental para os estudos historiográficos que buscam compreender a evolução dos discursos, das práticas jornalísticas e das dinâmicas sociais ao longo do tempo. Inspirando-se nos princípios metodológicos apresentados por Tânia Regina de Luca em seu texto *História dos, nos e por meio dos periódicos*, este trabalho se propõe a examinar de maneira sistemática o Jornal *O Globo*, observando suas transformações, permanências e suas relações com o contexto histórico no qual está inserido.

Tânia Regina de Luca destaca que os periódicos são fontes privilegiadas para a pesquisa histórica, pois permitem acesso direto a debates políticos, culturais e econômicos de diferentes épocas. A análise seriada, conforme ela sugere, consiste na observação contínua de uma série de edições de um mesmo jornal, identificando padrões temáticos, variações no tratamento das notícias e mudanças na linguagem empregada ao longo do tempo. Essa metodologia permite perceber tanto a construção da narrativa jornalística quanto sua interação com os acontecimentos históricos.

Roger Chartier ressalta que as percepções do social estão sempre inseridas em disputas de representações, nas quais um grupo impõe ou tenta impor “os valores que são

seus, e o seu domínio.” (Chartier, 2002, p. 17).

Com base no referencial teórico-metodológico apresentado, a pesquisa avança para a análise do acervo do Jornal *O Globo*, focando nas coberturas sobre a Coreia do Norte durante a Guerra da Coreia (1950-1953) e os seis testes nucleares que ocorreram entre 2006 e 2017. A análise desses dois períodos permite identificar as permanências no discurso anticomunista do jornal. Chartier destaca que as representações são sempre pautadas em “esquemas intelectuais incorporados”, os quais “criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.” (Chartier, 2002, p. 17). A história do anticomunismo no Brasil e da Guerra da Coreia são elementos imprescindíveis na compreensão desse “esquema intelectual incorporado” que permeia as representações sobre a Coreia do Norte, apesar das rupturas. Enquanto a cobertura da Guerra da Coreia reflete o auge da polarização ideológica da Guerra Fria, a Crise Nuclear ocorre em um contexto global marcado pela desintegração do bloco soviético e pela ascensão de novas tensões geopolíticas.

A análise dos títulos principais e secundários das notícias, bem como do conteúdo das matérias, revela a persistência de representações estereotipadas da Coreia do Norte como uma ameaça à paz global. No entanto, também é possível identificar mudanças nas estratégias de representação, refletindo as transformações do contexto internacional. Além disso, a pesquisa evidencia uma tendência orientalista na cobertura do jornal, que frequentemente retrata a Coreia do Norte como um “Outro” exótico e perigoso, reforçando estereótipos e simplificações que obscurecem a complexidade histórica e política do país.

Este estudo demonstra que o discurso anticomunista do Jornal *O Globo* em relação à Coreia do Norte não apenas reflete um alinhamento ideológico com os interesses do Ocidente liberal, mas também contribui para a perpetuação de representações estereotipadas e simplificadas do país. A análise da Guerra da Coreia e a Crise Nuclear revela tanto as continuidades quanto as transformações desse discurso, destacando o papel da mídia na construção de narrativas geopolíticas e na legitimação de determinadas visões de mundo. Espera-se que esta pesquisa contribua para uma compreensão mais crítica e contextualizada da cobertura midiática sobre a Coreia do Norte, bem como para uma reflexão mais ampla sobre as relações entre mídia, poder e ideologia.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 A ORIGEM COREANA: DA ERA DO BRONZE AO IMPERIALISMO JAPONÊS

O objetivo deste subcapítulo é oferecer uma visão histórica abrangente da Península Coreana, desde seus primórdios até o período do imperialismo japonês. Trata-se de um tema ainda pouco explorado na historiografia brasileira, e uma análise de longa duração é essencial para compreender as relações e tensões da região com povos e nações vizinhas. Essas dinâmicas vão além da história contemporânea e são frequentemente negligenciadas ou subestimadas pelas representações ocidentais, especialmente no que diz respeito à Coreia do Norte.

Hoje, as Coreias são conhecidas como duas nações separadas, mas compartilham uma origem comum de mais de cinco mil anos, durante os quais vivenciaram momentos de unificação e divisão. A partir da Era do Bronze (1000–800 a.C.), inúmeras cidades-estados se formaram no território que hoje corresponde à Coreia. Com a expansão e o crescimento dessas cidades, surgiram reinos que partilhavam laços culturais, econômicos e políticos. O Reino de Choson (2333 a.C.–108 a.C.), formado nesse contexto, é considerado o berço do povo coreano, com sua capital próxima a Pyongyang. Esse reino manteve-se por doze séculos até a invasão e ocupação chinesa em 108 a.C., pelas dinastias Qin (221–207 a.C.) e, posteriormente, Han (206 a.C.–220 d.C.) (VISENTINI, et.al, 2015, p. 28).

Com o fim do domínio chinês na região, surgiram três reinos importantes na península: Koguryo ao norte, Paekche no sudoeste e Silla ao sudeste. Koguryo, localizado na fronteira com a China, foi o reino que mais herdou influências chinesas, como a escrita, o budismo, o confucionismo e o sistema de governo. Atualmente, o Estado norte-coreano utiliza o legado histórico e o mito fundador de Koguryo como referência. Após a derrota de Koguryo e Paekche para o reino de Silla, aliado à dinastia Tang da China, a península foi unificada pela primeira vez em 668 d.C. (VISENTINI, et.al, 2015, p. 28).

Apesar de seu elevado desenvolvimento técnico, Silla entrou em decadência no século IX, dando início a um período de disputas internas que culminou na ascensão da dinastia Koryo, que reunificou a península em 918. Foi durante a dinastia Koryo que surgiram as instituições econômicas, sociais e políticas que, séculos mais tarde, serviriam de suporte ao imperialismo japonês e se tornariam alvo de críticas dos marxistas após sua ascensão ao poder no norte da península. Criou-se uma forte fusão entre a aristocracia agrária e a burocracia confuciana, conhecida como yangban, que dominava a estrutura

sociopolítica da Coreia, concentrando poder político e econômico em suas mãos à custa de uma população camponesa explorada. Essa condição social hegemônica no norte perdurou até a reforma agrária realizada pelos comunistas em 1946 (VISENTINI, et.al, 2015, p. 29).

Em 1254, iniciaram-se as invasões mongóis na Coreia, levando à queda de Koryo. Com a derrota dos mongóis pela dinastia Ming (1368–1644), a China passou a reivindicar controle sobre todos os domínios mongóis. Nesse contexto, fundou-se a dinastia Choson (1392–1910), que, amparada pelo neoconfucionismo<sup>1</sup>, baseou sua política externa na busca por alianças com países maiores e mais desenvolvidos, como a China. A Coreia tornou-se um Estado tributário da dinastia Ming, embora a China não tivesse ingerência interna direta nem uma relação de exploração econômica (LEE, 1984, apud VISENTINI, et.al, 2015, p. 30).

Com base no neoconfucionismo — filosofia que prevalece até hoje —, estabeleceu-se uma sociedade patriarcal e hierárquica, fundamentada na reverência paterna e no respeito formal aos mais velhos e ao rei (LEE, 1984, apud VISENTINI, et.al, 2015, p. 30).

Após a substituição da dinastia Ming pela Qing na China, a Coreia continuou um processo de isolamento, iniciado com as invasões mongóis no século XIII e consolidado definitivamente com as invasões japonesas no século XVI. No século XV, cem anos antes, o rei Sejong exigiu a criação de um alfabeto coreano, diferenciando-se da China e do Japão, que utilizavam ideogramas (VISENTINI, et.al, 2015, p. 30).

Quando os ocidentais chegaram às costas da Coreia e do Japão no século XIX, a dinastia Choson enfrentava sua decadência, marcada por más colheitas e revoltas camponesas. Nesse período, a Coreia era fortemente hostil aos estrangeiros, isolando-se ainda mais durante a administração do regente Taewon'gun (1866–1873), que centralizou o poder e reduziu os privilégios dos yangban. “Isso permitiu retardar, até certo ponto, o avanço do imperialismo ocidental”, que chegou ao fim com a abertura forçada imposta pelo Japão em 1876 (VISENTINI, et.al, 2015, p. 31).

No Japão, a Revolução Meiji eclodiu, modernizando o país ao estilo ocidental e expandindo sua zona de influência na região, iniciando a abertura de portos até então fechados ao comércio exterior. Ocupando a ilha de Kanghwa na Coreia, o Japão impôs os

---

<sup>1</sup> O neoconfucionismo foi um movimento filosófico que surgiu na China durante a dinastia Song (960-1279) como uma resposta ao budismo e ao taoísmo, buscando revitalizar o confucionismo clássico. Seus principais expoentes, como Zhu Xi (1130-1200) e Wang Yangming (1472-1529), combinaram princípios morais e sociais confucionistas com conceitos metafísicos, enfatizando a importância da introspecção e do autoconhecimento. O neoconfucionismo influenciou profundamente a educação, a política e a cultura na China, além de se expandir para países como Coreia, Japão e Vietnã. (CHANG, 1957).



Tratados Desiguais de 1876, nos quais “foi concedido aos japoneses o direito de abrir cinco portos coreanos, de fiscalizar suas águas, de conduzir negócios e comércio sem interferências e de proteger seus comerciantes através de privilégios de extraterritorialidade” (VISENTINI, et.al, 2015, p. 31).

Com os grandes volumes de arroz exportados para o Japão, como previa o tratado de 1876, na década de 1880 a fome generalizada tomou conta da península, desencadeando inúmeras revoltas populares que chegaram à capital, obrigando o rei Kojong a recorrer à ajuda da China, que sufocou as revoltas com sucesso.

Com as forças da China e do Japão na Coréia, o rei Kojong pediu a retirada das tropas, o que foi respondido com a ocupação do palácio real pelos japoneses, dando início à Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894–1895). Com a derrota da China, a relação sino-coreana foi interrompida por meio século, e o Japão obrigou a abertura de todos os portos coreanos na costa sudoeste, aumentando ainda mais a exportação de arroz e fortalecendo seu controle sobre os camponeses coreanos, encerrando um período de relativa autonomia da Coréia em relação aos seus vizinhos (VISENTINI, et.al, 2015, p. 32).

A colonização japonesa na Coréia foi imposta efetivamente após a derrota da Rússia em 1905, que também disputava a península com os japoneses na década de 1890. Estabelecendo um protetorado que controlava a diplomacia coreana, os japoneses dissolveram e substituíram o exército coreano por uma polícia japonesa. Após inúmeras tentativas de resistência, que levaram o rei Kojong a recorrer à Convenção de Paz de Haia, os japoneses impuseram sua dominação, forçando o rei a abdicar do poder. Em 1910, foi imposto o tratado de anexação da Coréia, oficializando a ocupação e anexação da península pelo Japão.

Durante os 35 anos de ocupação japonesa, os japoneses mantiveram um controle centralizado e forte sobre a península, promovendo o crescimento econômico em benefício da metrópole. Na década de 1920, ampliaram as áreas de irrigação e modernizaram seus sistemas, seguidos por uma política de industrialização na década de 1930, visando abastecer o esforço de guerra japonês contra a China.

A parcela representada pela indústria na produção total da Coréia cresceu, aproximadamente, de 17% em 1925 para 39% em 1939. Destacam-se, em particular, o notável crescimento das indústrias química, metalúrgica e de máquinas/ferramentas, as quais, em conjunto, representavam cerca de 47% de toda a produção industrial da Coréia em 1939. (VISENTINI, et.al, 2015, p. 33).

Apesar dos avanços econômicos e de infraestrutura, a maior parte da produção e dos ganhos eram direcionados para a metrópole:

Para ilustrar essa situação, cabe lembrar que, graças à modernização promovida pelos japoneses, a produção de arroz norte-coreano aumentou em quase 40% entre 1912 e 1936; porém, no mesmo período, a quantidade de arroz consumida pelos coreanos diminuiu consideravelmente, de cerca de 70% para cerca de 40%. O restante da colheita era exportado compulsoriamente para o Japão, o que gerava aguda escassez alimentar na Coreia. (VISENTINI, et.al, 2015, p. 35).

Com os yangban mantendo seus privilégios enquanto eram substituídos por uma elite japonesa, grande parte da população coreana, majoritariamente camponesa, desenvolveu hostilidade contra os yangban, vistos como colaboracionistas do imperialismo japonês. Essas condições favoreceram o surgimento de movimentos de massa antijaponeses e antiyangban, fortalecendo o nacionalismo coreano e o crescimento do marxismo e do anti-imperialismo na península.

Os primeiros movimentos de independência na Coreia surgiram em 1919 e foram duramente reprimidos pelos japoneses. Sob pressão internacional, os japoneses flexibilizaram sua política autoritária, implementando a chamada “política cultural”. Nesse período, os liberais tinham pouca inserção na base social coreana e pouco apoio dos Estados Unidos, que não demonstravam interesse em uma Coreia independente. Já os socialistas, embora perseguidos pelas forças japonesas, contavam com uma base popular significativa.

Ainda que a China e a Coreia não mantivessem relações formais, as elites de ambos os países mantinham laços próximos, com a China exercendo forte influência na península e vendo os japoneses como inimigo comum. Da mesma forma que os nacionalistas chineses influenciavam os nacionalistas coreanos, os comunistas chineses estavam fortemente vinculados à introdução e propagação do marxismo na península. Assim, em 1925, o Partido Comunista Coreano (PCC) foi fundado por Pak Hon Yong, e, na mesma época, os nacionalistas fundaram o Governo Provisório da Coreia (GPC) em Xangai, que incluía, entre seus membros, o futuro presidente da Coreia do Sul, Syngman Rhee (VISENTINI, et.al, 2015, p. 38).

Na década de 1920, com a implementação da política cultural na Coreia, o Japão adotou uma nova estratégia industrial voltada para a exportação, responsável por estabelecer uma base industrial na Coreia que seria destruída durante a Guerra da Coreia.

A parte setentrional (norte) da península coreana é montanhosa, com alto potencial hidrelétrico e grandes reservas minerais, mas apenas 16% de suas terras são férteis. Já a parte meridional (sul) é predominantemente plana, com clima mais estável e maior disponibilidade de terras férteis, além de abrigar o dobro da população. Essa condição geográfica fez com que a produção de alimentos fosse mais favorável no sul. Sabendo disso, os japoneses estabeleceram uma divisão regional do trabalho, mantendo o sul como produtor agrícola enquanto a industrialização ocorria no norte (VISENTINI, et.al, 2015, p. 39).

Como ocorreu em outras experiências de metrópole e colônia, a infraestrutura coreana foi planejada para o escoamento eficiente de mercadorias, com a construção e ampliação de redes de estradas, ferrovias, portos e aeroportos, o que também favoreceu a comunicação e integração das regiões rurais. Grandes empresas como Mitsubishi, Mitsui, Nissan e Sumitomo estavam envolvidas com o governo japonês na Coreia, principalmente a partir das políticas industriais da década de 1930, e em 1940 já possuíam maior importância que as companhias estatais (COMINGS, 1997, apud (VISENTINI, et.al, 2015, p. 30).

Na década de 1930, o Japão expandiu seus domínios, ocupando a Manchúria em 1931, o que levou a uma grande presença populacional de coreanos na região, favorecendo a formação de uma guerrilha conjunta entre chineses e coreanos contra o império japonês. Nesse cenário, destacou-se Kim Il Sung, que rapidamente se tornou uma liderança importante no movimento guerrilheiro antijaponês. Em 1937, os japoneses iniciaram uma rígida política de assimilação na Coreia, obrigando os coreanos a falarem apenas o idioma japonês e a praticarem as tradições culturais e religiosas do Japão, o que fomentou ainda mais o sentimento nacionalista entre os coreanos (VISENTINI, et.al, 2015, p. 41).

Em 1931, pouco antes da ocupação japonesa da Manchúria, havia pouco mais de 140 mil trabalhadores assalariados na Coreia, dos quais dois terços estavam empregados na indústria e o restante, em sua maioria, na mineração. Em 1944, pouco antes da libertação da península, havia mais de 2 milhões de trabalhadores assalariados na Coreia, com cerca de 600 mil no operariado industrial — um segmento social nascente que representava uma parcela significativa da população coreana (aproximadamente 25 milhões de pessoas em 1944). Esses trabalhadores labutavam cerca de doze horas por dia e recebiam menos da metade do salário de um trabalhador japonês médio. Essa classe operária, insatisfeita com sua situação, mostrou-se disposta a apoiar o comunismo, especialmente no norte da península (VISENTINI, et.al, 2015, p. 45).

A industrialização favoreceu a criação de uma classe operária superexplorada no norte, enquanto a pobreza crescia consideravelmente no campo, o que garantiu bases importantes para a adesão aos ideais comunistas entre a população, tanto no norte quanto no sul. Da mesma forma, a intransigência do Império Japonês forneceu as bases para a formação do nacionalismo coreano. Como apontam Visentini, Pereira e Melchionna (2015, p. 43), a importância do imperialismo japonês para a ascensão do comunismo na península e, em última instância, para a formação da Coreia do Norte atual pode ser esquematizada em quatro esferas: (1) emergência do nacionalismo coreano; (2) aumento da pobreza no campo; (3) instalação das bases industriais na península; e (4) interação política e ideológica dos movimentos de libertação com a China.

Na Conferência do Cairo, em 1943, foi definido que a China Nacionalista assumiria um papel importante na ordem mundial pós-guerra, concedendo também à Coreia e outras colônias o status de independência. Em 1945, na Conferência de Ialta, após excluírem a Grã-Bretanha e a China da tutela sobre a Coreia, Stalin e Roosevelt concordaram que, após a queda da Alemanha Nazista na Europa, a União Soviética atacaria os japoneses pela retaguarda em 90 dias, o que coincidiu com os bombardeios nucleares no Japão. Quando Truman substituiu Roosevelt como presidente dos Estados Unidos, buscou limitar a presença soviética na Ásia, assim como os movimentos de libertação nacional asiáticos (VISENTINI, et.al, 2015, p. 47).

Com a deterioração do exército imperial japonês e o avanço soviético e estadunidense na Ásia, inúmeros comitês populares formados pela resistência antijaponesa foram estabelecidos ao longo da península coreana, consolidando-se com a rendição japonesa. Quando o conflito terminou, coronéis americanos e soviéticos concordaram em dividir a Coreia ao meio pelo Paralelo 38, com os soviéticos tutelando a parte setentrional e os estadunidenses, a parte meridional. Imediatamente, os Estados Unidos dissolveram todos os comitês populares, mantendo unidades pró-japonesas em cargos políticos e administrativos (VISENTINI, et.al, 2015, p. 48).

Os americanos apoiavam um grupo de políticos conservadores colaboracionistas, agrupados no Partido Democrático Coreano, e os nacionalistas exilados, liderados por Syngman Rhee, que retornou dos EUA após 37 anos de exílio (VISENTINI, et.al, 2015, p. 48).

Segundo Visentini, Pereira e Melchionna (2015, p. 49), Kim Il Sung (1912–1994) tornou-se a figura dominante no norte, sendo herói da resistência armada na Manchúria, onde atuou em conjunto com o Partido Comunista Chinês (PCCh) e posteriormente integrou

as unidades coreanas do Exército Vermelho, retornando à Coréia com a patente de capitão do exército soviético.

A aproximação de Kim Il Sung com a China e a União Soviética tornou-se central na política externa coreana, que buscou, ao longo de sua história, mediar sua dependência política e econômica de ambos os países, aproximando-se de um e afastando-se do outro em busca de equilíbrio e autonomia, especialmente após o rompimento sino-soviético (VISENTINI, et.al, 2015, p. 90).

Em 1945, existiam três grandes forças políticas na Coréia do Norte: os comunistas, divididos entre leninistas ortodoxos e nacionalistas de inspiração maoísta; os cristãos nacionalistas, organizados no Partido Democrático Choson (PDC); e um grupo que seguia os fundamentos do Cheondóismo, uma doutrina religiosa coreana, organizado no Partido dos Amigos. Após uma conferência organizada pelos comunistas em outubro daquele ano, em Pyongyang, fundou-se o Partido Comunista Coreano (PCC). A coalizão entre esses três grupos formou o regime administrativo no norte durante o ano de 1946 (VISENTINI, et.al, 2015, p. 54).

Em fevereiro de 1946, com a presença de veteranos coreanos que haviam lutado na Revolução Chinesa, fundou-se o Novo Partido Popular Coreano, que, pela proximidade ideológica, fundiu-se ao Partido Comunista liderado por Kim Il Sung em agosto daquele ano, permitindo a criação do Partido do Trabalho da Coréia do Norte (PTCN), que já contava com o apoio do Exército Popular da Coréia, então em processo de formação.

Após conflitos e disputas internas entre a coalizão que controlava o norte, Kim convocou uma conferência dos líderes dos partidos norte-coreanos e criou uma administração governamental central, chamada Comitê Popular Provisório da Coréia do Norte (CPPCN). Em novembro de 1946, o PTCN elegeu a maioria dos assentos do CPPCN. Por terem conquistado apenas uma pequena parcela dos assentos, o PDC e o Partido dos Amigos ficaram subordinados ao PTCN e a Kim Il Sung. Nesse período, tanto o Norte quanto o Sul foram marcados pela disputa política entre revolução e contrarrevolução, além da eliminação de centros alternativos de poder (VISENTINI, et.al, 2015, p. 55).

Em 1948, a situação na península coreana era tensa e marcada por conflitos. A ONU, com uma comissão de apenas trinta pessoas, supervisionou as eleições no sul e declarou Rhee como governante, apesar da violência que persistia desde 1945. As forças norte-americanas estavam ativamente envolvidas na repressão aos Comitês Populares, o que culminou na Rebelião da Colheita do Outono de 1946. Esse clima de agitação continuou em 1947, com o apoio do Partido do Trabalho da Coréia do Sul, especialmente em várias

províncias. Entre 1948 e 1949, um movimento guerrilheiro radical tornou-se ativo, e revoltas populares ocorreram em locais como o porto de Yosu e a ilha de Cheju, resultando em assassinatos de líderes moderados que defendiam a unificação, enquanto os soviéticos se retiravam do norte. Essa época foi marcada por uma luta intensa entre diferentes facções e uma busca por poder na região (VISENTINI, et.al, 2015, p. 63).

Três semanas após a fundação da República da Coreia, em 9 de setembro de 1948, foi proclamada a República Popular Democrática da Coreia, contrapondo o que chamavam de imposição ilegítima dos EUA na península. No final daquele ano, as forças militares soviéticas deixaram a Coreia do Norte. O objetivo nacional do norte socialista e anti-imperialista tornou-se a unificação do país, dividido ao meio e com forças militares estadunidenses ainda ocupando o sul.

Em 1º de outubro de 1949, os comunistas de Mao Tsé-tung chegaram ao poder e proclamaram a República Popular da China, após décadas de guerra civil contra os nacionalistas, obrigando Chiang Kai-shek e seus seguidores a fugirem para Taiwan.

É notável, nesse sentido, a grande presença de tropas coreanas voluntárias que combateram na guerra civil chinesa ao lado dos comunistas. Kim Il Sung entendia o triunfo estratégico que teria com uma vitória comunista na China e, portanto, já no início de 1947, passou a enviar milhares de coreanos para lutar no país vizinho, formando um verdadeiro “exército voluntário”. Assim, em abril de 1947, cerca de 30 mil soldados coreanos foram enviados para a Manchúria [...] Entre 15% e 20% das forças comunistas chinesas na região eram compostas por coreanos (VISENTINI, et.al, 2015, p. 58).

Esse evento teve um papel crucial ao estabelecer novas conexões entre a Coreia do Norte e a China, aumentando significativamente a habilidade de negociação de Kim Il Sung após a Guerra da Coreia e permitindo que ele negociasse com as duas grandes potências comunistas. A ação da RPDC em oferecer apoio, mesmo que restrito às suas capacidades, em prol do êxito da Revolução Chinesa, revela que as elites norte-coreanas não eram apenas marionetes da URSS e já buscavam maneiras de assegurar a autonomia do país (VISENTINI, et.al, 2015, p. 58).

A "perda" da China foi interpretada pelos republicanos como um sinal de falência da política de contenção dos democratas, que estavam mais focados na Europa. Isso gerou um aumento nas tensões na fronteira sul-coreana, com Kim Il Sung adotando uma postura mais agressiva. Enquanto isso, figuras como John Foster Dulles e MacArthur optaram por um silêncio estratégico, o que deixou a situação delicada e alimentou temores de um

"ataque traiçoeiro", semelhante ao que ocorreu em Pearl Harbor (VISENTINI, et.al, 2015, p. 64).

A origem da Guerra da Coreia é um tema debatido entre historiadores. A narrativa tradicional dos EUA e da Coreia do Sul atribui a responsabilidade a Kim Il Sung, que contava com o apoio da URSS, como o iniciador do conflito, buscando dominar a península. Por outro lado, a versão norte-coreana argumenta que o ataque foi uma resposta a provocações do sul, visando libertar essa região. No entanto, estudiosos como Cumings, French e Lee destacam que as causas da guerra são complexas e multifacetadas, envolvendo responsabilidades de todos os lados, incluindo as superpotências EUA e URSS, que, curiosamente, não desejavam um conflito direto (VISENTINI, et.al, 2015, p. 64).

No final de março e início de abril, Stalin concordou com uma guerra rápida e limitada na Coreia, mas evitou envolvimento direto. Kim Il-sung, ansioso para unificar a Coreia militarmente, via aquele momento como ideal para explorar a vulnerabilidade do sul, temendo que o líder sul-coreano Rhee fortalecesse seu exército com apoio dos EUA. Kim também receava um possível ataque preventivo do sul. Enquanto isso, Rhee buscava a guerra para consolidar sua frágil posição política, tanto interna quanto externamente, e tentava alianças com Chiang Kai-shek e os republicanos para alcançar seus objetivos. Ambos os lados tinham motivações estratégicas e políticas para o conflito (VISENTINI, et.al, 2015, p. 66).

A Guerra da Coreia teve início em 25 de junho de 1950 e ficará marcada na história como um dos conflitos mais mortíferos já registrados, resultando em mais de 3 milhões de mortes em apenas três anos. Para muitos historiadores, esse evento também representa o marco inicial da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética.

A partir deste breve resumo da história coreana até a Guerra da Coreia, destacando pontos essenciais para compreender as disputas que envolvem a península, pretendo, no próximo subcapítulo, explorar o tema do anticomunismo no Brasil. Após apresentar as contribuições sobre o anticomunismo no contexto brasileiro, retomaremos a análise da cobertura feita pelo Jornal *O Globo* sobre a Guerra da Coreia e, posteriormente, sobre a crise nuclear na Península Coreana. O objetivo será examinar até que ponto o anticomunismo influencia ou interfere na forma como os eventos são retratados.

## 2.2 O ANTICOMUNISMO NO BRASIL: A REVOLUÇÃO QUE NUNCA ACONTECEU

Neste subcapítulo, tenho como objetivo destacar as contribuições de Rodrigo Patto Sá Motta para a compreensão do anticomunismo no Brasil, explorando suas origens, características e formas de atuação. Embora o conceito de anticomunismo possa parecer simples à primeira vista, essa aparente simplicidade esconde uma realidade complexa e multifacetada. Em sua essência, os anticomunistas são indivíduos ou grupos que se opõem ao comunismo, seja por meio de discursos ou práticas concretas. O cerne de sua atuação está alicerçado em uma oposição militante e engajada ao projeto comunista, expressando uma resistência ativa aos seus ideais e propostas.

Motta, em seu livro *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, destaca que o anticomunismo no Brasil começou a se consolidar logo após a Revolução Russa de 1917. Esse fenômeno não foi exclusivo do país, mas parte de uma reação global ao surgimento do bolchevismo e às crises revolucionárias que eclodiram após a Primeira Guerra Mundial. Preocupados com a influência que o exemplo russo poderia ter sobre as classes trabalhadoras, especialmente em um contexto de instabilidade agravada pelas consequências da guerra, os governos das nações capitalistas dominantes passaram a adotar medidas repressivas e a promover campanhas de propaganda anticomunista. Essas ações não se limitaram ao poder estatal, pois diversos setores da sociedade civil — como empresários, intelectuais e líderes religiosos — também se mobilizaram, concentrando seus esforços principalmente na disseminação de ideias anticomunistas (MOTTA, 2000, p. 16).

Não é surpreendente que as elites brasileiras, acostumadas a importar dos países centrais tanto produtos quanto ideias, também tenham adotado o anticomunismo de forma semelhante. As concepções sobre o comunismo e seu suposto perigo para a ordem social foram, em grande parte, copiadas de modelos estrangeiros. As representações anticomunistas difundidas no Brasil a partir de 1917 mostram uma forte influência externa. O mesmo ocorreu com as ações anticomunistas, que frequentemente refletiam o cenário político internacional. Após a Segunda Guerra Mundial, durante a Guerra Fria e a ascensão dos Estados Unidos como potência global, o anticomunismo no Brasil, tanto no setor público quanto no privado, esteve profundamente alinhado com as diretrizes norte-americanas (MOTTA, 2000, p. 16).



Com as transformações mundiais provocadas pela Segunda Guerra, os Estados Unidos foram progressivamente ocupando o lugar da Europa como fornecedores de modelos para a elite brasileira, inclusive na esfera do anticomunismo. Não se tratava, é claro, apenas de modismo. Os norte-americanos transformaram seu país na fortaleza do anticomunismo e empenharam recursos imensos e energia considerável na destruição da 'ameaça vermelha'. Considerando as circunstâncias, é natural que tenham assumido a posição dos europeus no papel de central irradiadora de ideias e coordenadora de ações. Neste período, nomes como Hoover, Schwarz, James ou Decter, autores de manuais anticomunistas, tornaram-se as principais fontes estrangeiras de divulgação doutrinária no Brasil. (MOTTA, 2000, p. 17).

Durante o século XX, a disputa entre comunismo e anticomunismo desempenhou um papel fundamental na política, na cultura e nas relações internacionais, com destaque para o período da Guerra Fria. O comunismo ganhou força em escala global, conquistando a adesão de nações na Ásia, África, América e Europa Oriental aos princípios marxistas, o que acabou com o isolamento inicial da União Soviética. Diante desse cenário, os Estados Unidos emergiram como a principal potência anticomunista, liderando uma estratégia ampla que envolvia aspectos ideológicos, políticos e econômicos para conter o chamado "perigo vermelho". Para alcançar esse objetivo, os EUA uniram esforços com países do "mundo livre", fortalecendo o movimento anticomunista e fornecendo apoio ideológico e material a grupos que combatiam a expansão comunista (MOTTA, 2000, p. 6).

No Brasil, o anticomunismo teve uma importância significativa na história política brasileira, especialmente a partir da Revolução de 1917. Durante a década de 1920, a imprensa e os grupos privilegiados já demonstravam preocupação com o comunismo, embora a "questão social" ainda não fosse predominantemente associada a ele, já que os anarquistas tinham mais influência que os comunistas. Essa dinâmica começou a mudar nos anos 1930, com o crescimento do Partido Comunista Brasileiro (PCB), impulsionado pela adesão de Luiz Carlos Prestes e pela formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL). À medida que o PCB ganhava força, o anticomunismo se fortaleceu, organizando-se contra o que passou a ser visto como uma ameaça real (MOTTA, 2000, p. 26).

A "Intentona Comunista" de novembro de 1935 foi um marco decisivo para a consolidação do anticomunismo no Brasil. O movimento, uma tentativa armada de tomada do poder pelos comunistas, causou grande impacto entre os setores conservadores, já que representava uma ameaça de transformações profundas na estrutura social do país. A comoção aumentou com a divulgação, pela imprensa, de indícios de participação de estrangeiros ligados à Internacional Comunista (Komintern), reforçando a ideia de uma conspiração internacional liderada por Moscou. Esses elementos alimentaram a visão

anticomunista, que passou a ser associada a práticas secretas e influências externas (MOTTA, 2000, p. 18).

A partir desse evento, consolidou-se uma tradição anticomunista na sociedade brasileira, perpetuada pelo Estado, por organizações sociais e por indivíduos militantes. Essa tradição gerou um conjunto de representações e um imaginário anticomunista que influenciaram as lutas políticas ao longo das décadas seguintes. Embora a intensidade do anticomunismo tenha variado ao longo do tempo, com períodos de menor expressão, ele se radicalizou em momentos específicos, geralmente associados ao crescimento da influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e da esquerda em geral (MOTTA, 2000, p. 7).

Pela mesma época, a publicação de livros anticomunistas se expandiu consideravelmente, tanto no que se refere a traduções quanto a obras de escritores nacionais. No primeiro caso, temos a publicação de uma série de autores europeus, (...). Algumas editoras se distinguiram em traduzir para o português e, assim, popularizar livros que em alguns casos vinham circulando na edição original. Na quarta capa de um livro publicado pela *Livraria Globo*, de Porto Alegre, temos a seguinte relação de obras lançadas por aquela casa editorial até o ano de 1932: *No país dos Soviets*, de Jorge Le Fevre; *A Tcheka*, de Jorge Popoff; *Como matei Rasputine*, de autoria do Príncipe Yussupoff; *As forças secretas da Revolução*, de Léon de Poncins; *O que vi em Moscovo*, de Henri Béraud; e *Moscovo sem máscara*, de Joseph Douillet. (MOTTA, 2000, p. 27).

O anticomunismo no Brasil teve três momentos de maior intensidade. O primeiro ocorreu entre 1935 e 1937, quando a "ameaça comunista" foi usada para justificar medidas repressivas e o golpe do Estado Novo<sup>2</sup>.

O segundo momento aconteceu no início da Guerra Fria, entre 1946 e 1950, quando o Partido Comunista Brasileiro (PCB), após um breve período de legalidade, foi novamente banido e perseguido. O terceiro período foi durante a crise de 1964, que resultou no golpe militar sobre João Goulard Goulart no qual o anticomunismo serviu como justificativa para a tomada do poder e a repressão à esquerda<sup>3</sup>. Em todos esses momentos, o combate ao comunismo foi utilizado como argumento político para legitimar ações autoritárias e

---

<sup>2</sup> O Estado Novo (1937-1945) foi um período da história do Brasil marcado pelo governo autoritário de Getúlio Vargas, instaurado após um golpe de Estado em 10 de novembro de 1937. Caracterizado pela centralização do poder, repressão política e censura, o regime aboliu partidos políticos, controlou sindicatos e utilizou a propaganda estatal para fortalecer a imagem de Vargas. Inspirado em modelos autoritários europeus, como o fascismo italiano e o salazarismo português, o Estado Novo justificava sua existência pela necessidade de ordem e modernização do país. Sua queda ocorreu em 1945, com a redemocratização e a convocação de eleições presidenciais. (FAUSTO, 2013)

<sup>3</sup> não era comunista, mas suas políticas, especialmente as Reformas de Base, geraram forte oposição das elites e setores militares, que temiam uma guinada socialista. Segundo Fausto, a radicalização do discurso político, a instabilidade econômica e o apoio de sindicatos e movimentos de esquerda fortaleceram essa percepção, contribuindo para o golpe de 1964. (FAUSTO, 2013).

convencer parte da sociedade da necessidade de medidas repressivas (MOTTA, 2000, p. 7).

Para ilustrar a força e a persistência do anticomunismo na política, podemos citar um exemplo recente. Durante a campanha presidencial de Tancredo Neves, em 1984, setores da extrema direita divulgaram panfletos acusando o então governador de Minas Gerais de ter ligações com grupos comunistas. A estratégia era desacreditar Tancredo perante o público, explorando o sentimento anticomunista que, em outros momentos da história, havia se mostrado eficaz em influenciar decisões políticas.” (MOTTA, 2000, p. 8).

A abordagem que associa candidatos a regimes socialistas persiste no cenário político brasileiro. Políticos de direita frequentemente vinculam adversários a países como Cuba, China, Coreia do Norte e, mais recentemente, Venezuela, ainda que o modelo bolivariano venezuelano difira significativamente do socialismo tradicional.<sup>4</sup> Essa retórica, longe de ser nova, reflete uma estratégia política que busca mobilizar eleitores por meio do medo e da polarização, deslegitimando propostas progressistas ou reformistas ao associá-las a regimes autoritários ou fracassados. No entanto, essa prática ignora as nuances e contextos específicos de cada país, simplificando debates complexos e reduzindo a política a uma dicotomia maniqueísta, na qual prevalece a oposição entre "nós e eles" ou "o bem contra o mal". Essa estratégia, além de empobrecer o debate público, desvia a atenção de questões estruturais relevantes para a sociedade. Não se trata de negar problemas enfrentados pelos países socialistas e comunistas, mas de problematizar o porquê as democracias-liberais são apresentadas como modelo universal, como se não fossem marcadas por contradições e limitações em seus ideais.

Frequentemente analisado de maneira superficial, o anticomunismo acaba sendo visto como uma simples conspiração imperialista, um "fantasma" manipulado pela elite ou uma expressão de fanatismo. Embora esses aspectos sejam relevantes para entender o fenômeno, eles representam apenas partes de uma realidade mais complexa que exige uma análise mais profunda. Muitas obras destacam como o anticomunismo foi utilizado como uma ferramenta por forças imperialistas e grupos nacionais, que, em colaboração,

---

<sup>4</sup> O bolivarianismo é uma ideologia política inspirada em Simón Bolívar e reformulada por Hugo Chávez, defendendo a integração latino-americana, soberania nacional e justiça social por meio do intervencionismo estatal e nacionalizações. Setores conservadores o associam ao socialismo, devido à redistribuição de riqueza, controle estatal da economia e discursos anti-imperialistas, reforçados pela aproximação com Cuba e rejeição ao neoliberalismo. O **socialismo comunista**, baseado nas ideias de Marx e Engels, defende a abolição da propriedade privada dos meios de produção e a criação de uma sociedade sem classes, onde o Estado eventualmente desapareceria. Já o **bolivarianismo**, combina nacionalismo, intervencionismo estatal na economia e políticas sociais voltadas à redução da desigualdade, mantendo, porém, a existência do Estado e da propriedade privada sob forte regulação. Enquanto o comunismo tradicional busca uma revolução proletária global, o bolivarianismo tem um caráter regionalista e nacionalista (SADER, 2009).

buscavam objetivos além do simples combate ao comunismo. Assim, a chamada "ameaça comunista" foi frequentemente usada para justificar golpes de estado, reprimir movimentos populares e proteger interesses imperialistas que se sentiam ameaçados por movimentos nacionalistas, mantendo, assim, o status quo (MOTTA, 2000, p. 10).

As representações anticomunistas são entendidas de forma ampla, incluindo não apenas ideias e doutrinas, mas também o imaginário e a iconografia. Essas representações são construções mentais que refletem como os anticomunistas interpretavam e atribuíam significado aos comunistas e ao comunismo. Em outras palavras, elas revelam como os anticomunistas pensavam, sentiam e imaginavam seus "inimigos".

No entanto, representações e ações não são independentes; elas estão interligadas. As representações são moldadas por meio de ações como militância, propaganda e divulgação, enquanto as ações são influenciadas pelas representações, que muitas vezes orientam o comportamento dos grupos sociais. Além disso, é importante evitar uma visão simplista da relação entre representações e realidade. Embora as representações nem sempre retratem a realidade de forma precisa, elas não são completamente desconectadas dela. No caso do anticomunismo, as representações frequentemente distorciam a imagem dos comunistas, chegando a ser caricaturais ou grotescas, como "piratas", "desvairados", "paranóicos", "degenerados", "tresloucados", "dementes", "bárbaros", "selvagens", "horda" (asiática, tartária, mongólica), entre outros epítetos. (MARIANI, apud MOTTA, 2000, p. 73). Especialmente no que respeita às representações anticomunistas, notamos uma forte tendência à regularidade, ou seja, à permanência ao longo do tempo de imagens, ideias e mitos. Muitas das representações sobre "o inimigo" comunista foram reproduzidas durante décadas, repetindo temas elaborados nos primórdios. Diversos elementos do imaginário anticomunista construído entre as décadas de 1920 e 1930 ainda eram utilizados na década de 1980, como a ameaça a família, liberdade e a propriedade privada. (MOTTA, 2000, p. 12).

É importante lembrar que a influência da imprensa sobre o público não é absoluta, pois fatores como divisões sociais e altos índices de analfabetismo podem limitar seu alcance.<sup>5</sup> No entanto, mesmo considerando essas limitações, os jornais continuam a ser

---

<sup>5</sup> Apesar dessas limitações, é preciso ressaltar o que já indicamos anteriormente: meios como *O Globo* fazem parte de conglomerados que abarcam outros meios de comunicação como televisão e rádio, de modo que as representações anticomunistas divulgadas por *O Globo* circularam – e circulam – em diferentes suportes, o que ajuda a ampliar o público destinatário. Além disso, no que se refere estritamente à cultura letrada, é preciso considerar práticas diversas de leitura ao longo do tempo. Além da leitura individual, a leitura compartilhada em voz alta, as manchetes anunciadas por vendedores de jornais e as fotos e charges estampadas na primeira página, as quais aproximam o público não-alfabetizado das representações

uma ferramenta poderosa de pressão e influência, especialmente na formação de opiniões entre as classes média e alta. Como será demonstrado, em determinados contextos, a imprensa teve um papel significativo na disseminação de ideias anticomunistas, muitas vezes apoiando ou até mesmo antecedendo as ações do Estado em campanhas de repressão aos comunistas.

### 2.2.1 Pilares do Imaginário Anticomunista

Embora o termo seja geralmente usado no singular, é mais apropriado falar em "anticomunismos". O anticomunismo não é uma ideologia única, mas uma coalizão de grupos e projetos políticos variados, unidos apenas pela rejeição ao comunismo. Fora isso, há uma grande diversidade de ideias e objetivos. Essa heterogeneidade muitas vezes fica oculta, pois, em momentos de crise, esses grupos se unem contra um adversário comum. Essa união temporária leva a uma harmonização de discursos e ações, mascarando as divergências internas. No entanto, mesmo durante esses períodos de aliança, é possível identificar as diferenças entre os anticomunismos (MOTTA, 2000, p. 32).

É curioso notar que, nas décadas de 1920 e 1930, foram os próprios militantes de esquerda que forneceram as primeiras informações sobre a União Soviética. Dissidentes do regime soviético e simpatizantes estrangeiros que visitaram o país e se desiludiram com o comunismo foram os responsáveis por alimentar o "arsenal" anticomunista com dados e análises críticas. Após a Segunda Guerra Mundial, os partidos socialistas assumiram o papel de principal barreira contra o avanço dos partidos comunistas na Europa Ocidental. Nesse contexto, receberam apoio do governo dos Estados Unidos e suas agências, que enxergaram no fortalecimento da social-democracia uma estratégia eficaz para conter o comunismo. A CIA (Agência Central de Inteligência), por exemplo, financiou organizações de esquerda moderada, como o sindicato "Solidariedade", liderado por Lech Walesa, na Polônia, durante os anos 1980 (MOTTA, 2000, p. 33).

Nas décadas seguintes, surgiram conflitos entre comunistas e outros grupos de esquerda, como trabalhistas, socialistas e a esquerda católica. No entanto, no contexto brasileiro, a esquerda tendeu mais à cooperação do que ao confronto com os comunistas. A esquerda não-comunista no Brasil enfrentava desafios mais complexos do que seus

---

veiculadas pelos meios impressos. Jesús Martín-Barbero afirma que existe uma "dificuldade de conceber outro tipo de leitura diferente da do indivíduo encerrado com seu livro", o que impede "de prestar atenção à leitura popular, a sua existência e peculiaridades." (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 147-148).

equivalentes na Europa e nos Estados Unidos. O país lidava com um atraso social e níveis de pobreza muito mais graves, o que tornava difícil se opor ao projeto comunista sem parecer alinhado às forças de direita, que defendiam a manutenção do status quo. Após o Estado Novo, o anticomunismo passou a ser associado a grupos reacionários e conservadores, o que criava um custo político para quem assumisse essa posição. Os comunistas, por sua vez, aproveitaram essa narrativa, reforçando a ideia de que o anticomunismo era equivalente ao fascismo e ao reacionarismo (MOTTA, 2000, p. 34).

No Brasil, a esquerda não-comunista frequentemente optou por alianças com o Partido Comunista (PCB), apesar das tensões, devido à falta de projetos reformistas de centro e à insensibilidade das elites em relação aos problemas sociais. O PTB, por exemplo, criado para competir com os comunistas nos anos 1940, tornou-se aliado do PCB nos anos 1960. No entanto, o anticomunismo no país foi majoritariamente impulsionado por correntes conservadoras e reacionárias, baseando-se em três matrizes ideológicas principais: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. Embora essas tradições possam se misturar, suas origens e argumentos permanecem distintos, com divergências significativas entre elas (MOTTA, 2000, p. 35).

### 2.2.2 Catolicismo e o Anticomunismo

A Igreja Católica destacou-se como uma das instituições não estatais mais ativas no combate ao comunismo durante o século XX. Para os líderes católicos, o comunismo representava uma ameaça direta à religião e à liberdade, sendo considerado um inimigo irreconciliável. A oposição da Igreja ao comunismo baseava-se em diversos fatores, como seu caráter ateu, a rejeição da propriedade privada, a supressão da liberdade religiosa e a violação dos direitos humanos. Em resposta, a Igreja frequentemente aliou-se a governos e movimentos anticomunistas, como na Espanha de Franco (1939-1975), onde desempenhou um papel crucial na resistência ao movimento comunista. Na América Latina, a posição da Igreja foi mais complexa, com setores apoiando movimentos de esquerda, enquanto a hierarquia eclesiástica mantinha uma postura predominantemente anticomunista (MOTTA, 2000, p. 42).

Para alguns intelectuais católicos, o comunismo era visto como a consequência final das transformações trazidas pela modernidade, uma evolução dos "erros" iniciados no Renascimento. Inspirados pelo pensamento de Joseph de Maistre, esses intelectuais defendiam que havia uma ligação direta entre a Reforma Protestante, o Iluminismo e as

revoluções modernas, incluindo o comunismo. Eles argumentavam que a Reforma Protestante foi o ponto de partida dessa cadeia de eventos, ao questionar a autoridade da Igreja Católica e a ordem social tradicional. Esse espírito de questionamento teria influenciado os filósofos iluministas e os revolucionários, culminando no comunismo do século XX. Para esses pensadores, o comunismo representava a continuação dessa destruição, buscando eliminar a Igreja Católica e a ordem social baseada em seus princípios (MOTTA, 2000, p. 36).

Desde a segunda metade do século XIX, o Papado, considerado a maior autoridade católica em assuntos doutrinários, manifestava preocupação com o avanço do comunismo. Nesse período, as Cartas Encíclicas, documentos papais dirigidos aos bispos e cardeais, começaram a abordar a temática comunista. A primeira encíclica dedicada a condenar os revolucionários foi *Quod Apostolici Muneris*, publicada por Leão XIII em 1878. Nela, o Papa alertava sobre um adversário cuja definição ainda não era precisa (“... nos referimos a esta seita de homens que, debaixo de nomes diversos e quase bárbaros, se chamam socialistas, comunistas ou niilistas...”) (LEÃO, apud Motta, 2000, p. 37). e orientava os bispos a instruírem os fiéis sobre os erros da proposta revolucionária, enfatizando a importância de não apoiá-la. Ao final do texto, Leão XIII sugeria a criação de sociedades de trabalhadores sob o patrocínio da Igreja, nas quais os associados seriam ensinados a suportar o trabalho com paciência e a contentar-se com sua condição (MOTTA, 2000, p. 37).

A visão do comunismo como inimigo absoluto da Igreja Católica ia além do temor de sua influência sobre os trabalhadores. Para os líderes católicos, o comunismo representava uma ameaça direta aos fundamentos da religião, pois não era apenas um projeto de transformação social e econômica, mas também uma filosofia que rivalizava com a fé. Ele negava a existência de Deus, promovia o materialismo ateu, defendia a luta de classes em oposição aos valores cristãos de amor e caridade, e buscava substituir a moral cristã, destruindo a família e a hierarquia social baseada em Deus. No limite, o sucesso do comunismo significaria o fim da Igreja, um dos objetivos declarados dos revolucionários (MOTTA, 2000, p. 38).

O anticomunismo católico atingiu seu ápice na década de 1930, durante a Guerra Civil Espanhola, quando a Igreja se sentiu profundamente ameaçada por perseguições anticlericais em uma nação católica. A violência contra religiosos e igrejas, frequentemente associada a anarquistas e republicanos, provocou uma forte reação católica. Embora a responsabilidade por esses atos seja debatida, o impacto reforçou a oposição da Igreja ao comunismo e às ideias revolucionárias (MOTTA, 2000, p. 39).

A partir de 1936, com o início da Guerra Civil Espanhola, as instituições católicas iniciaram uma campanha global para denunciar as "atrocidades comunistas" no país. No Brasil, essa campanha se somou à onda anticomunista gerada pelo levante de 1935. As notícias sobre a violência na Espanha fortaleceram os argumentos dos ativistas locais, intensificando o clima de combate sem tréguas ao comunismo (MOTTA, 2000, p. 40).

Nesse contexto, surge a encíclica *Divini Redemptoris*, publicada pelo Papa Pio XI em março de 1937, marcando o pronunciamento mais forte do papado contra o comunismo. O documento, influenciado pela Guerra Civil Espanhola, denuncia vigorosamente o comunismo, retomando e ampliando temas já abordados por Leão XIII, como na *Rerum Novarum*. A encíclica convoca católicos e governos a agirem no campo social para combater a influência comunista, defende os princípios cristãos de justiça social em oposição ao liberalismo econômico e aposta no sistema corporativo como solução para a harmonia entre as classes e a paz social (MOTTA, 2000, p. 40).

No Brasil, a preocupação da Igreja Católica em evitar a "infiltração comunista" intensificou-se após a década de 1940, especialmente com o crescimento eleitoral do Partido Comunista Brasileiro (PCB) a partir de 1945. As lideranças católicas temiam que o partido ganhasse apoio entre os fiéis, principalmente porque o PCB tentou distanciar sua imagem do ateísmo para atrair eleitores católicos. Em resposta, a Igreja incentivou a produção de obras anticomunistas escritas por clérigos. Um exemplo é o livro *Catolicismo, comunismo e outros assuntos (conversa com dois comunistas)*, publicado em 1947 pela Editora *Agir*. Através de cartas fictícias de supostos comunistas cristãos, o livro refuta a ideia de compatibilidade entre catolicismo e comunismo, reforçando a posição oficial da Igreja contra o comunismo (MOTTA, 2000, p. 43).

Para entender a disseminação do anticomunismo católico no Brasil, é essencial analisar o papel do episcopado nacional. Enquanto os pronunciamentos papais, como as Cartas Encíclicas, estabeleciam a doutrina oficial, cabia aos bispos adaptarem essas orientações ao contexto local. Eles utilizavam principalmente as Cartas Pastorais para comunicar suas posições ao clero e aos fiéis. O episcopado brasileiro publicou diversas Cartas Pastorais, tanto individuais quanto coletivas, dedicadas ao combate ao comunismo, evidenciando a importância do tema para a hierarquia católica no país (MOTTA, 2000, p. 43).

O impacto das Cartas Pastorais anticomunistas no Brasil pode ser medido pela forma como eram disseminadas. Os bispos determinavam que, no domingo seguinte ao recebimento, as cartas fossem lidas e explicadas aos fiéis em todas as missas, abrangendo



catedrais, matrizes, igrejas e capelas. Além de informar diretamente o público católico, essas mensagens serviam como guia doutrinário e inspiração para o clero em suas atividades pastorais. Considerando que a maioria da população brasileira era católica, o esforço da Igreja em combater o comunismo teve um alcance significativo, influenciando tanto os fiéis quanto as práticas religiosas (MOTTA, 2000, p. 44).

A Igreja Católica no Brasil ampliou sua luta contra o comunismo não apenas por meio da doutrinação, mas também criando ou fortalecendo entidades leigas, como a Ação Católica, os Círculos Operários, as Congregações Marianas, os Irmãos Vicentinos e as Filhas de Maria. Essas organizações integravam os fiéis às atividades religiosas e sociais, formavam lideranças e ajudavam no proselitismo. Os Círculos Operários, criados em 1932 no Rio Grande do Sul e expandidos nacionalmente após o levante comunista de 1935, destacaram-se como uma iniciativa para afastar os trabalhadores do comunismo. Já a Ação Católica, inicialmente anticomunista, tornou-se progressista nos anos 1940, originando a esquerda católica brasileira, enquanto outras entidades mantiveram o foco no combate ao comunismo, alinhadas à hierarquia eclesiástica (MOTTA, 2000, p. 46).

### 2.2.3 Nacionalismo e Anticomunismo no Brasil

O nacionalismo constituiu uma das bases ideológicas mais significativas do anticomunismo no Brasil, embora seu significado e aplicação tenham variado ao longo do tempo, sendo adotado tanto por grupos de esquerda quanto de direita. Os comunistas, por exemplo, defendiam um nacionalismo voltado para o fortalecimento do Estado nacional contra o imperialismo capitalista. Por outro lado, o nacionalismo anticomunista tinha raízes conservadoras do século XIX, influenciado pelo romantismo alemão e pelo corporativismo, enxergando a nação como um organismo unificado acima dos conflitos sociais. Essa visão valorizava a ordem, a tradição e a centralização, considerando a nação como sagrada e intocável. Os comunistas eram vistos como uma ameaça a essa unidade, pois promoviam a divisão de classes e, conseqüentemente, a desintegração do "corpo" nacional (MOTTA, 2000, p. 50).

O nacionalismo anticomunista também se alimentava da rejeição ao internacionalismo defendido pelos comunistas. Estes, seguindo o pensamento marxista, consideravam o nacionalismo um conceito burguês, que seria superado quando a classe operária assumisse o poder. O famoso lema do Manifesto Comunista, "trabalhadores do mundo, uni-vos", refletia a ideia de que os trabalhadores não tinham pátria, pois seu objetivo

era promover uma revolução global e estabelecer uma nova ordem baseada na fraternidade universal. Essa visão internacionalista era vista como uma ameaça pelos anticomunistas, que defendiam a nação como um valor central e inegociável (MOTTA, 2000, p. 51).

As ideias de Marx foram reinterpretadas pelos bolcheviques após a tomada do poder na Rússia. Inicialmente, esperava-se uma revolução europeia que, junto à experiência soviética, destruiria o capitalismo. No entanto, com o isolamento da Rússia, os bolcheviques concentraram-se em consolidar seu poder no país, transformando-o em uma base para a futura revolução mundial. A União Soviética passou a ser vista como a "pátria do socialismo", defendida a todo custo pelos comunistas, que a reverenciavam como sagrada. Para os nacionalistas, porém, o internacionalismo comunista e a lealdade à URSS eram inaceitáveis, pois a defesa da nação e de seus valores deveria estar acima de qualquer ordem internacional, reforçando a incompatibilidade entre nacionalismo e o projeto comunista (MOTTA, 2000, p. 51).<sup>6</sup>

Havia quem alertasse sobre os riscos de profanação dos símbolos nacionais, como a bandeira, que poderia ser substituída por símbolos comunistas caso estes chegassem ao poder. Os comunistas, em certos períodos, adotaram um discurso nacionalista, denunciando o imperialismo e defendendo o fortalecimento do Estado nacional. No entanto, isso foi duramente criticado pelos anticomunistas, que os acusavam de promover um "falso nacionalismo". Segundo os críticos, os comunistas seriam, na verdade, "nacionalistas russos", usando a retórica patriótica para manipular o povo e ocultar sua suposta lealdade à União Soviética. A revista *Ação Democrática* chegou a chamá-los de "traicionistas", em vez de nacionalistas, argumentando que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) agia como uma "quinta-coluna" no país, preparando o caminho para o domínio soviético. Essa visão reforçava a ideia de que o comunismo representava uma ameaça à soberania e à identidade nacional (MOTTA, 2000, p. 52).

Um aspecto crucial do anticomunismo de inspiração nacionalista era a acusação de que os comunistas e suas ideias eram elementos estrangeiros, alheios à realidade brasileira. Os militantes do PCB eram vistos como defensores de doutrinas importadas, elaboradas em países distantes e sem conexão com as particularidades do Brasil.

---

<sup>6</sup> Ainda que o internacionalismo fosse o objetivo, Marx e Engels, n' *O Manifesto Comunista*, não ignoravam o nacional como um elemento que interferia na formação do proletariado e da consciência de classe. A nação seria uma etapa para o internacionalismo. "Os homens trabalhadores não têm país. Não podemos tirar deles o que eles não têm. Já que o proletariado deve, primeiro, conquistar a supremacia política, deve se erguer para ser a classe líder da nação; deve constituir, ele próprio, a nação; ele é, até agora, nacional, apesar de não o ser no sentido burguês da palavra." (MARX; ENGELS, 1998, p. 39).

Acreditava-se que o caráter, a alma e os sentimentos do povo brasileiro eram incompatíveis com o ideal bolchevista, criado em contextos culturais e históricos completamente diferentes. Essa visão reforçava a ideia de que o comunismo não apenas ameaçava a ordem social, mas também a identidade nacional, sendo uma imposição estrangeira que não se adequava à essência do Brasil (MOTTA, 2000, p. 53).

A desconfiança em relação aos estrangeiros, que em muitos casos se aproximava da xenofobia, foi mais marcante nas décadas de 1930 e 1940, tornando-se menos intensa posteriormente. Isso ocorreu porque, nesse período, a onda anticomunista coincidiu com um forte fluxo migratório para o Brasil. Nas primeiras décadas do século XX, o país recebeu um grande número de imigrantes, o que alterou significativamente o perfil demográfico, especialmente nos centros urbanos (MOTTA, 2000, p. 54).

As transformações geradas por essa chegada maciça de estrangeiros contribuíram para aumentar as tensões sociais, sobretudo entre os grupos que se sentiam mais ameaçados por essas mudanças. Muitos enxergavam os imigrantes como agentes de desordem, reforçando seus medos em relação ao comunismo e levando a uma reação defensiva contra esses novos habitantes, considerados elementos potencialmente desestabilizadores da ordem tradicional (MOTTA, 2000, p. 54).

Além disso, é importante destacar que, nas décadas de 1920 e 1930, o Partido Comunista conseguiu recrutar um número significativo de adeptos entre os imigrantes, que representavam uma parcela expressiva da classe trabalhadora urbana. Esse fenômeno gerou ainda mais desconfiança em relação aos estrangeiros, uma vez que muitos deles passaram a ser associados às ideias comunistas. No Rio de Janeiro e em São Paulo, essa preocupação se traduziu em ações repressivas por parte das autoridades. A polícia realizou diversas prisões de simpatizantes e membros do Partido Comunista que haviam chegado recentemente ao país. Além disso, foram apreendidos materiais literários e livreiros marxistas de origem estrangeira, o que reforçou a narrativa de que o comunismo estava sendo importado por imigrantes e representava uma ameaça à ordem estabelecida (MOTTA, 2000, p. 55).

A caracterização do comunismo como uma ameaça à pátria foi uma estratégia usada no Brasil, tanto em 1935/37 quanto em 1964, para unir setores conservadores da sociedade em torno de um "inimigo comum". Personalidades como Assis Chateaubriand defendiam uma "união sagrada" das forças "sãs" da nação para combater o perigo comunista,

retratado como uma ameaça à integridade nacional.<sup>7</sup> Essa narrativa, amplamente divulgada por jornalistas, religiosos, militares e empresários, legitimou ações repressivas e autoritárias, consolidando o apoio de amplos segmentos da população ao combate ao comunismo (MOTTA, 2000, p. 57).

Tanto no Estado Novo quanto no Regime Militar, o nacionalismo e o anticomunismo estiveram profundamente interligados, com ambos os regimes promovendo campanhas cívicas e patrióticas para fortalecer a identidade nacional. Eles incentivaram o culto a símbolos, datas e heróis nacionais, utilizando reformas educacionais e monumentos para enfraquecer o discurso comunista e reforçar a ideia de que a união da nação estava acima de conflitos sociais ou interesses econômicos. Os militares foram os principais defensores dessa mobilização anticomunista, embora houvesse setores esquerdistas dentro das Forças Armadas. Outros grupos, como a Ação Integralista Brasileira (AIB), também abraçaram o nacionalismo, atraindo muitos oficiais militares que viam no movimento uma expressão autêntica do patriotismo brasileiro (MOTTA, 2000, p. 58).

Os militares brasileiros destacaram-se no nacionalismo anticomunista devido às características próprias de sua instituição. Como defensores da ordem e da integridade nacional, eles naturalmente rejeitavam projetos revolucionários, vendo no comunismo uma ameaça à estabilidade e à hierarquia social. A proposta comunista, que enfatizava conflitos entre classes, era vista como uma ofensa à unidade nacional. Além disso, o forte "espírito de corpo" e o respeito à hierarquia dentro das Forças Armadas reforçavam a oposição a qualquer movimento que pudesse desestabilizar a estrutura militar.

O levante de 1935, conhecido como Intentona Comunista, fortaleceu ainda mais o anticomunismo entre os militares. Os rebeldes foram acusados de traição não apenas ao país, mas também à instituição militar, especialmente após relatos de que companheiros de farda foram assassinados enquanto dormiam. Esse episódio foi incorporado ao calendário cívico das Forças Armadas, sendo lembrado anualmente como um marco de "traição" e "vergonha". A data servia para reforçar os valores anticomunistas entre os jovens militares, garantindo a perpetuação dessa ideologia dentro da corporação (MOTTA, 2000, p. 59).

---

<sup>7</sup> Alcir Lenharo (1986), no imediato pós-ditadura militar no Brasil, defendeu que os grupos autoritários, conservadores e nacionalistas promoveram uma "sacralização da política" desde o Estado Novo de Vargas, de modo que comunistas e demais adversários eram identificados como "perigos", como "invasores", como "doenças" que desestabilizariam o "corpo" da nação. Não se trata apenas de um uso político da religião, mais precisamente do catolicismo, mas de tornar suas concepções políticas como "religiosas", "sagradas" e, portanto, "inquestionáveis". Lenharo estabelece conexões desse processo no Brasil especialmente com o nazifascismo.

## 2.2.4 Liberalismo como Matriz Ideológica do Anticomunismo

O liberalismo, compreendido tanto em sua dimensão política quanto econômica (ou liberismo), constitui uma das principais matrizes ideológicas do anticomunismo. Os liberais rejeitam o comunismo por considerá-lo uma ameaça à liberdade individual e ao direito à propriedade privada, enxergando-o como autoritário no plano político e destrutivo no econômico, devido à estatização de bens e à desapropriação de indivíduos. Embora a ênfase entre esses aspectos possa variar conforme o contexto, o núcleo da crítica liberal ao comunismo permanece centrado na oposição ao autoritarismo e na defesa das liberdades econômicas (MOTTA, 2000, p. 60).

A dimensão política do liberalismo apresenta uma relação complexa com o conceito de democracia, frequentemente associados no discurso anticomunista, que retrata os Estados comunistas como antíteses da liberdade e da democracia. Embora as propostas democráticas modernas tenham suas raízes no liberalismo clássico, este foi ampliado ao longo do século XIX por críticas de pensadores radicais e reformistas, que defendiam a extensão dos direitos políticos a todos os segmentos sociais, superando o elitismo inicial do liberalismo. Desse processo emergiu a liberal-democracia, base ideológica e institucional dos Estados democráticos do século XX, que combina a defesa da liberdade com a inclusão de toda a população na cidadania ativa, transcendendo os limites restritos do liberalismo original (MOTTA, 2000, p. 60).<sup>8</sup>

No caso brasileiro, o anticomunismo liberal e liberal-democrático não se destacou pela robustez ou coerência. Predominou uma retórica liberal pouco comprometida com práticas democráticas, mais alinhada à afirmação da liberdade em seu sentido negativo do que positivo. Na maior parte das vezes, a crítica liberal ao comunismo limitava-se a formulações simplórias, reproduzindo clichês convencionais sobre a ditadura soviética. O caráter convencional dessas posições evidencia-se ao contrastá-las com a realidade brasileira: criticava-se a falta de liberdade no regime comunista como se o Brasil vivesse um idílio republicano (MOTTA, 2000, p. 61).

A fragilidade do anticomunismo liberal está intrinsecamente ligada à tradição autoritária do Brasil e à dinâmica política de sua história republicana. A defesa da liberdade tornou-se um ponto delicado, dado que, durante grande parte do período analisado, o país foi governado por regimes autoritários. Isso explica por que a crítica ao autoritarismo

---

<sup>8</sup> Sobre as relações – controversas e inconstantes – entre liberalismo e democracia cf. Bobbio (2013).

comunista frequentemente se diluía em denúncias genéricas contra a "tirania" ou a "escravização" na Rússia. Em contextos como o Estado Novo, assumir posições liberais ou democráticas mais firmes era arriscado, especialmente sob uma ditadura que exercia seu poder de forma discricionária, dificultando a incorporação de um discurso liberal-democrático consistente no anticomunismo (MOTTA, 2000, p. 61).

Após a Segunda Guerra Mundial, as ideias liberal-democráticas retomaram centralidade na política brasileira, tornando-se a base ideológica do regime estabelecido pela Constituição de 1946. O autoritarismo, associado ao nazifascismo, perdeu credibilidade, enquanto a democracia passou a ocupar um papel de destaque nos discursos anticomunistas, representando o contraponto ideal ao regime soviético (MOTTA, 2000, p. 62).

Nos anos que antecederam o golpe de 1964, os anticomunistas exploraram intensamente a contraposição entre democracia e comunismo, alertando sobre os riscos que a democracia supostamente enfrentava. Grupos anticomunistas, como sindicatos e entidades estudantis, foram rotulados como "democratas", criando a narrativa de uma luta pelo poder entre democratas e comunistas. No entanto, grande parte desse discurso em defesa da democracia era meramente retórico, sem um conteúdo concreto que promovesse a participação popular ou combatesse o autoritarismo. Na prática, "democrata" significava simplesmente "anticomunista", uma manipulação conceitual que permitia a grupos não democráticos se apresentarem sob uma imagem positiva, enquanto o foco real era a manutenção da ordem contra a "ameaça revolucionária" (MOTTA, 2000, p. 63).

A ênfase na retórica democrática também refletia uma estratégia de alinhamento internacional durante a Guerra Fria. Liderado pelos Estados Unidos, o bloco anticomunista defendia a democracia como contraponto à tirania dos regimes comunistas. Os anticomunistas brasileiros, buscando apoio externo, associaram-se ao mundo "livre, ocidental e cristão", alinhando-se aos valores promovidos pelas nações democráticas. Por outro lado, as potências anticomunistas, interessadas em garantir a adesão dos países do "terceiro mundo" às suas estratégias geopolíticas, incentivavam a disseminação desses ideais "democráticos", mesmo que muitas vezes fossem usados de forma instrumental para justificar o combate ao comunismo (MOTTA, 2000, p. 63).

O anticomunismo liberal também se apoiava na defesa da propriedade privada como um direito individual inalienável, frequentemente considerado sagrado e parte das liberdades fundamentais. No entanto, essa defesa nem sempre implicava apoio irrestrito ao capitalismo, pois alguns anticomunistas, embora afirmassem o caráter intocável da

propriedade individual, também teciam críticas ao sistema capitalista. Ao longo da história do anticomunismo brasileiro, era mais comum encontrar argumentos em defesa da propriedade privada do que declarações explícitas de fé no capitalismo. Já na década de 1930, surgiram críticas à suposta ineficiência do sistema econômico soviético em comparação com a livre iniciativa capitalista. Autores como João Carlos Fairbanks, em *Refutação científica ao comunismo* atacavam a teoria do valor de Marx, considerando-a ultrapassada e equivocada, e argumentavam que o comunismo representaria um retrocesso econômico. Além disso, análises sobre a baixa produtividade da indústria soviética e alertas sobre os supostos desastres que a implantação do comunismo traria ao Brasil reforçavam a ideia de que, apesar de suas falhas, o capitalismo era um sistema superior (MOTTA, 2000, p. 64).

Ao examinar os trabalhos daqueles que se apresentavam como defensores do liberalismo econômico, é possível identificar diversas inconsistências. Por exemplo, um autor que buscou combater o comunismo com argumentos científicos chegou a afirmar que "o primeiro mestre em economia foi Jesus Cristo", (FAIRBANKS, Apud MOTTA, 2000, p. 65). Outro, que criticou a suposta ineficiência da indústria soviética, atribuiu os problemas da humanidade ao "excesso de liberdade" (ALBANO, Apud MOTTA, 2000, p. 65). Embora esses autores utilizassem alguns princípios do liberalismo econômico, sua principal motivação estava alinhada aos valores cristãos, o que revela uma falta de coesão na defesa do liberalismo puro. Além disso, as críticas à economia soviética eram raras, especialmente porque, até os anos 1960, os dados mostravam um crescimento econômico significativo no chamado "socialismo real". Tristão de Athayde, em 1936, já apontava que atacar a URSS por sua economia era ineficaz, dado seu avanço industrial, e defendia que o combate ao comunismo deveria se concentrar no campo ideológico, confrontando o materialismo com os princípios cristãos (MOTTA, 2000, p. 65).

Embora o liberalismo tenha sido uma base importante para o anticomunismo, os argumentos liberais muitas vezes careciam de solidez e clareza. Essa fragilidade pode ser explicada, em parte, pela postura do empresariado, que, apesar de ser o grupo que naturalmente deveria liderar a defesa do liberalismo contra as ideias revolucionárias, era frequentemente acusado de negligência pelos próprios anticomunistas. Em várias ocasiões, as elites empresariais foram criticadas por não se engajarem de forma adequada na luta contra o comunismo, o que contribuiu para a inconsistência e a debilidade do discurso liberal nesse contexto (MOTTA, 2000, p. 65).

O jornal *Estado de Minas*, em 1936, publicou matéria com críticas de teor semelhante, intitulada *O crime da indiferença*. Industriais, comerciantes e banqueiros foram acusados de falta de espírito público, por mostrarem indiferença em relação à campanha anticomunista empreendida pelo governo. Na opinião do jornal, o desinteresse dos empresários não decorreria de covardia ou complacência, mas da "falta de interesse mercantil", ou seja, eles só se mobilizariam em prol de alguma coisa quando havia perspectiva de ganhos materiais imediatos (MOTTA, 2000, p. 66).

Em diversas ocasiões, os empresários foram criticados por não reconhecerem a importância de fazer sacrifícios na luta contra o comunismo. Propagandistas anticomunistas mais extremos chegaram a afirmar que, além de uma grande parte do empresariado ser alheia ao "perigo comunista", havia um grupo que adotava atitudes ainda mais condenáveis: colaboravam com os comunistas em vez de combatê-los. No entanto, é preciso ter cautela com essas acusações, especialmente ao considerar o papel relevante que o empresariado desempenhou durante a crise de 1964. Além disso, não se pode ignorar a influência do anticomunismo entre as classes proprietárias. Ainda assim, ao comparar a participação dos empresários com a de clérigos e militares, fica evidente que estes últimos tiveram um papel mais ativo e destacado nas campanhas anticomunistas. Eles não apenas forneceram os principais líderes para o movimento, mas também desenvolveram os argumentos de maior impacto popular, consolidando-se como pilares fundamentais na luta contra o comunismo (MOTTA, 2000, p. 66).

A maior atenção dada ao anticomunismo de inspiração católica reflete a importância central desse movimento na história brasileira. A religião e os religiosos desempenharam um papel fundamental na construção e disseminação das representações sobre o "inimigo comunista". Essa influência é evidenciada pelo fato de que anticomunistas de outras vertentes ideológicas frequentemente buscavam o apoio da Igreja, atribuindo-lhe, de forma quase unânime, uma posição de liderança na luta contra o comunismo. Essa aliança estratégica reforçou o papel da Igreja Católica como principal força na mobilização anticomunista no Brasil (MOTTA, 2000, p. 67).

Ao longo deste capítulo, estabelecemos conexões entre as três principais "fontes doutrinárias" do anticomunismo — o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo — e grupos sociais específicos: clérigos, militares e empresários. No entanto, isso não significa que essas ideias fossem exclusivas a esses grupos, o que seria uma visão simplista. Valores religiosos não se restringiam aos padres, o nacionalismo não era privilégio dos militares, e as ideias liberais não eram defendidas apenas pelos empresários. Ainda assim, esses



grupos funcionaram como pilares de suas respectivas doutrinas, atuando como seus principais propagadores na sociedade. O empenho que demonstraram na luta contra o comunismo, especialmente clérigos e militares, consolidou-os como bases fundamentais do anticomunismo no Brasil (MOTTA, 2000, p. 68).

### 2.2.5 O Imaginário Anticomunista

Por imaginário, entendemos o conjunto de imagens e relações simbólicas criadas pelas pessoas para representar aspectos da vida social. No contexto do anticomunismo, esse imaginário foi moldado por uma série de representações voltadas a descrever os comunistas e o comunismo de forma negativa. Dada a rejeição total ao projeto revolucionário, essas representações focavam em destacar aspectos negativos das doutrinas e práticas comunistas, construindo uma narrativa que reforçava a oposição ao movimento (MOTTA, 2000, p. 71).

Ao longo da história, os comunistas foram retratados por meio de uma ampla variedade de adjetivos pejorativos. Embora uma lista completa demandaria muito espaço, alguns exemplos ilustram o tom agressivo da campanha anticomunista: eles eram chamados de “piratas”, “desvairados”, “paranóicos”, “degenerados”, “tresloucados”, “dementes”, “bárbaros”, “selvagens” e até mesmo associados a uma “horda” (asiática, tartária ou mongólica). Esses epítetos refletiam a intensidade da oposição ao comunismo e a tentativa de desqualificá-lo como uma ameaça à ordem e aos valores estabelecidos (MOTTA, 2000, p. 71).

O comunismo foi frequentemente retratado como a própria encarnação do “mal”, conforme compreendido pela maioria das culturas, associando-o a ideias como dor, erro moral e destruição. A atuação dos comunistas seria responsável por causar fome, pobreza extrema, tortura e subjugação. A nova sociedade que propunham era vista como moralmente corrupta, pois desafiava os valores cristãos ao promover o divórcio, relações livres e o aborto. A morte também era uma imagem constante, com os bolcheviques sendo acusados de massacres em larga escala e de incitar conflitos violentos (MOTTA, 2000, p. 342).

As representações anticomunistas frequentemente destacavam traços negativos atribuídos aos comunistas, culpando-os por uma variedade de problemas. Eles eram ligados tanto a medos antigos, como a analogia com epidemias, quanto a preocupações contemporâneas, como a inflação, que supostamente provocavam para desequilibrar a

economia. No extremo, o comunismo foi comparado ao diabo, com a revolução sendo descrita como a materialização do "mal supremo" (MOTTA, 2000, p. 342).

O anticomunismo consolidou-se como uma tradição, transformando-se em um fenômeno de caráter estrutural. No entanto, essa continuidade não significou a ausência de transformações ao longo do tempo. Apesar das particularidades de cada contexto histórico, os comunistas foram sistematicamente retratados por seus opositores como figuras malignas: violentos, ateus, imorais (ou sem moral), estrangeiros, traidores, opressores, entre outros atributos negativos. Em versões mais extremas, chegaram a ser associados ao próprio demônio. Essas representações maniqueístas, que dividiam o mundo entre o bem e o mal, cumpriram eficazmente o papel de dificultar a propagação das ideias comunistas, reforçando a rejeição a esse movimento (MOTTA, 2000, p. 343).

### 2.3 A COBERTURA JORNALÍSTICA DO JORNAL O GLOBO SOBRE A CORÉIA DO NORTE

Neste subcapítulo, proponho uma análise crítica da cobertura jornalística do Jornal *O Globo* em relação à Coreia do Norte, com foco em dois períodos históricos distintos: a Guerra da Coreia (1950-1953) e a Crise Nuclear norte-coreana, iniciada com o primeiro teste nuclear em 2006 e estendendo-se até o último teste em 2017. A escolha da Coreia do Norte como objeto de estudo se deve à sua relevância geopolítica, e também, a uma curiosidade pessoal em relação a esse pequeno país asiático, frequentemente estigmatizado e representado de maneira reducionista pela mídia ocidental. No contexto brasileiro, a Coreia do Norte é comumente retratada como uma nação belicista, imprevisível e governada por líderes autoritários que supostamente ameaçam a paz global. Essa narrativa, no entanto, carece de nuances e frequentemente reflete um viés ideológico que merece ser investigado.

A análise proposta busca evidenciar o teor anticomunista presente nas reportagens do Jornal *O Globo*, comparando dois momentos históricos que, embora distantes no tempo, são emblemáticos do ponto de vista geopolítico e midiático. A Guerra da Coreia, ocorrida no início da Guerra Fria, representa um marco na consolidação de um mundo bipolar, no qual Estados Unidos e União Soviética disputavam zonas de influência e utilizavam os meios de comunicação como ferramentas de propaganda ideológica. Já a Crise Nuclear norte-coreana, iniciada no século XXI, oferece uma oportunidade para examinar as permanências e transformações do discurso anticomunista em um contexto global pós-

Guerra Fria, marcado pela desintegração do bloco soviético, mas também pela ascensão de novas tensões geopolíticas.

A escolha do Jornal *O Globo* como fonte de análise se justifica por sua influência histórica no cenário midiático brasileiro e por seu alinhamento editorial com os valores do chamado "Ocidente liberal". Desde sua fundação, o periódico tem desempenhado um papel significativo na formação da opinião pública no Brasil, frequentemente refletindo e reforçando narrativas alinhadas aos interesses geopolíticos dos Estados Unidos. Nesse sentido, a cobertura da Coreia do Norte oferece um caso emblemático para investigar como a mídia brasileira constrói e reproduz representações sobre países que desafiam a hegemonia ocidental.

A análise entre a Guerra da Coreia e a Crise Nuclear permite não apenas explorar as continuidades do discurso anticomunista, mas também refletir sobre as transformações nas estratégias de representação midiática ao longo do tempo. Enquanto o primeiro período reflete o auge da polarização ideológica da Guerra Fria, o segundo ocorre em um contexto global marcado pela ascensão de novas potências e pela reconfiguração das relações internacionais. Apesar dessas mudanças, é possível observar que o viés anticomunista permanece como uma constante na cobertura do Jornal *O Globo*, mesmo após o colapso da União Soviética e a suposta "vitória" do capitalismo global.

A Guerra da Coreia foi escolhida como marco temporal inicial por representar o início da Guerra Fria e por seu papel central na consolidação de um mundo dividido entre dois blocos ideológicos antagônicos. Nesse período, os meios de comunicação desempenharam um papel crucial na disseminação de narrativas propagandísticas, tanto no Ocidente quanto no bloco comunista. A análise desse contexto permitirá compreender como o Jornal *O Globo* contribuiu para a construção de uma imagem negativa da Coreia do Norte, associando-a ao "perigo comunista" e à ameaça à segurança global.

Já o período da Crise Nuclear, iniciado com o primeiro teste nuclear norte-coreano em 2006 e estendendo-se até o último teste em 2017, oferece uma oportunidade para examinar como o discurso midiático sobre a Coreia do Norte se adaptou às novas dinâmicas geopolíticas do século XXI. Apesar do fim da Guerra Fria e da desintegração do bloco soviético, a Coreia do Norte continuou a ser retratada como uma ameaça à paz mundial, agora sob o pretexto de seu programa nuclear.

Ao longo deste capítulo, pretendo demonstrar que a cobertura do Jornal *O Globo* sobre a Coreia do Norte não apenas reflete um viés anticomunista, mas também contribui para a perpetuação de estereótipos e simplificações que obscurecem a complexidade

histórica e política desse país. A análise comparativa entre a Guerra da Coreia e a Crise Nuclear permitirá não apenas identificar as continuidades e transformações no discurso midiático, mas também refletir sobre o papel da mídia na construção de narrativas geopolíticas e na legitimação de determinadas visões de mundo.

No desenvolvimento deste trabalho, a análise se concentrará em um jornal específico ao longo de um período determinado, observando como determinados temas foram tratados em diferentes momentos. Para isso, a pesquisa se baseará em algumas diretrizes essenciais da análise seriada propostas de Luca: Definição do periódico a ser estudado e do intervalo de tempo a ser analisado, levando em conta momentos de transformação política e social que possam ter impactado seu conteúdo editorial.

Os questionamentos desse campo, imbricados com os aportes da História cultural, renderam frutos significativos. A título de exemplo, pois seria impossível qualquer arrolamento exaustivo, pode-se mencionar os estudos acerca do comunismo e do anticomunismo no Brasil, levados a cabo, com ampla utilização da imprensa, por Bethânia Mariani e Rodrigo Motta. 55. *LUCA* (2008, p. 128)

Em outras palavras, trata-se de realizar a contextualização histórica do jornal e da série de reportagens selecionadas. Luca alerta sobre a necessidade de cruzar os conteúdos analisados com os acontecimentos políticos, sociais e econômicos do período, estabelecendo relações entre o discurso jornalístico e os eventos históricos. Como argumenta de Luca, os periódicos não são apenas espelhos passivos da realidade, mas agentes ativos na construção da memória e da interpretação histórica.

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da **análise do discurso** que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. *LUCA* (2008, p. 139)

A relevância deste estudo reside na possibilidade de compreender o papel da imprensa na formação da opinião pública. Dessa forma, a análise seriada, ao seguir os princípios metodológicos delineados por Tânia Regina de Luca, contribui para uma leitura crítica e aprofundada dos periódicos enquanto fontes históricas.

Para a realização desta pesquisa, utilizei como fonte principal o acervo digital do Jornal *O Globo*, disponível em seu site oficial (<https://oglobo.globo.com/acervo/>) mediante a assinatura. A ferramenta de busca oferecida pelo próprio site, permitiu a localização de

periódicos digitalizados de jornais impressos que mencionam a Coreia do Norte, utilizando a palavra-chave “Coreia do Norte” como ponto de partida para a coleta de dados. Essa abordagem metodológica foi essencial para garantir que a análise estivesse baseada em um conjunto amplo e representativo de matérias publicadas pelo jornal ao longo dos períodos históricos selecionados.

Há acervos de periódicos espalhados por todo o país. Universidades, museus, Institutos Históricos, centros de documentação, instituições pesquisa, bibliotecas e arquivos públicos ou privados, além das próprias empresas jornalísticas, abrigam coleções significativas de periódicos da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), que possui vastíssima coleção, organizada em 1994 o seu Catálogo de Periódicos Brasileiros Microfilmados, de grande valor para os pesquisadores. Assim, o primeiro passo é localizar a fonte numa das instituições de pesquisa e averiguar as condições oferecidas para consulta. Há mesmo a possibilidade de se adquirir os microfilmes. A internet pode ser uma aliada importante nessa fase de busca. LUCA (2008, p. 141)

Embora a ferramenta de busca do Jornal *O Globo* tenha sido extremamente útil para a coleta de dados, é importante reconhecer algumas limitações metodológicas inerentes a essa abordagem. Em primeiro lugar, os critérios utilizados pelo jornal para definir a relevância de uma reportagem nem sempre são transparentes ou explicitados. Além disso, a dependência de uma única palavra-chave (“Coreia do Norte”) pode resultar na exclusão de matérias que, embora relevantes para o tema, não utilizam esse termo de forma explícita.

Outra limitação a ser considerada é a possibilidade de lacunas no acervo digital, especialmente em relação a períodos mais antigos, como a década de 1950. Embora o Jornal *O Globo* tenha feito esforços significativos para digitalizar seu acervo histórico, é possível que algumas edições ou matérias não estejam disponíveis online, o que pode impactar a abrangência da pesquisa. Para mitigar essa limitação, busquei complementar a análise com fontes secundárias, como estudos acadêmicos e documentos históricos, que ajudaram a contextualizar e enriquecer a interpretação dos dados coletados.

A fim de direcionar a pesquisa e garantir a relevância dos materiais coletados, utilizei os filtros disponíveis no site, especialmente o filtro de “relevância”, que organiza os resultados de acordo com critérios editoriais definidos pelo próprio jornal. Esse filtro foi particularmente útil para identificar as matérias que o Jornal *O Globo* considera mais significativas em sua cobertura sobre a Coreia do Norte, tanto no contexto da Guerra da Coreia (1950-1953) quanto no período da Crise Nuclear (2006-2017). Ao priorizar os

periódicos classificados como de maior relevância, busquei garantir que a análise estivesse centrada nas reportagens que melhor refletem a linha editorial do jornal.

Além disso, o uso de recortes temporais específicos permitiu uma abordagem comparativa entre dois momentos históricos distintos, mas igualmente significativos do ponto de vista geopolítico e midiático. A Guerra da Coréia, como marco inicial da Guerra Fria, oferece um panorama das estratégias de propaganda anticomunista em um contexto de polarização ideológica global. Já a Crise Nuclear, iniciada no século XXI, permite examinar como essas estratégias foram adaptadas a um cenário internacional pós-Guerra Fria, marcado por novas dinâmicas de poder e pela ascensão de questões relacionadas à proliferação nuclear.

Apesar dessas limitações, a análise das matérias selecionadas busca contribuir para uma compreensão mais profunda do papel da mídia e mais precisamente da imprensa na construção de narrativas sobre países estigmatizados e na perpetuação de discursos políticos, no caso, pautados pelo anticomunismo.

## 2.4 A CORÉIA POPULAR NAS PÁGINAS DO O GLOBO: DA GUERRA ARMADA AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

### 2.4.1 A cobertura da Guerra

A manchete de capa de 12 de fevereiro de 1950 denuncia um suposto acordo de trabalho entre russos e coreanos, alegando que a Coreia do Norte forneceria mão de obra escravizada para a indústria de Moscou. O título da matéria enfatiza essa acusação de forma alarmante:

“Durante quarenta anos a Coréia do Norte deverá fornecer braços escravos às indústrias de Moscou - Também a produção e o comércio de mais essa “democracia popular” estão sob regime das “companhias mistas” - Tudo o mais como nos outros satélites” (O globo, 1950, p.1)

A reportagem é acompanhada por uma ilustração simbólica, em que aves carniceiras sobrevoam a Coréia, carregando palavras como “Exército Vermelho”, “Exército da URSS”, “Presa de Guerra” e “Companhias Mistas”.

**Figura 1:** “Até os trabalhadores são objeto de contrato com a Rússia”. Recorte do acervo digital do

O Globo.



Fonte: O Globo. <<https://oglobo.globo.com/acervo/>> Acesso em: 18 jan. 2025.

O texto segue com uma acusação contundente ao imperialismo soviético, abordando os países satélites da URSS:

Talvez porque estejam mais próximos da civilização ocidental e por conseguinte, a ela mais ligados, os chamados satélites da União Soviética na Europa oriental têm sido mais notados como exemplos do imperialismo russo, e trágico resultado para os povos atingidos. No entanto, nem só na velha Europa existem dessas vítimas da tirania vermelha. Em regiões mais distantes, no Extremo Oriente, também algumas nações caíram sob o jugo de Moscou. A Coréia é uma delas. Sua história, a partir de 1945, tem os mesmos lances tristes das histórias de seus irmãos europeus de infortúnio. Desde que as tropas da União Soviética cruzaram a fronteira coreana, em agosto daquele ano, tornou-se clara a intenção russa de transformar a parte setentrional do país e, se possível, o país inteiro, em colônia do tipo a que os comunistas dão o nome de democracias populares. (O Globo, 1950, p.1)

Na mesma edição, o texto segue para a página 8, com o título em destaque “Imperialismo Soviético”, trazendo um panorama cronológico e denunciando o fato de os Soviéticos não terem deixado entrar uma comitiva da ONU para supervisionar as eleições na Coréia do Norte. A narrativa reforça a ideia do comunismo como uma ameaça global imposta pela União Soviética, retratando os países sob sua influência, como a Coréia, como vítimas de uma tirania.

Esses textos, prévios à Guerra, representam a Coreia como *vítima* do imperialismo soviético. Outro dado interessante seria sua *distância* em relação à “civilização ocidental”. Essa distância parece explicar a maior vulnerabilidade em se tornar “satélite” da União Soviética. Os próprios países da Europa Oriental, ainda que sejam representados como “mais próximos da civilização ocidental”, não são propriamente inseridos nesta “civilização”. Para além do “perigo vermelho” associado ao anticomunismo, conforme vimos em Motta, consideramos que as reportagens acima expressam bem o orientalismo destacado por Said, na medida em que anulam as escolhas e a autonomia – ou graus de autonomia – dos países socialistas:

(...) o Oriente e os orientais [são considerados pelo Orientalismo] um “objeto” de estudo, carimbado com uma alteridade – como tudo o que é diferente, seja “sujeito” ou “objeto” –, mas de uma alteridade constitutiva, de um caráter essencialista [...] Esse “objeto” de estudo será, como de costume, passivo, não participativo, dotado de uma subjetividade “histórica” e, acima de tudo, não ativo, não autônomo, não soberano em relação a si mesmo (...). (SAID, p. 131).

A submissão à União Soviética é associada à escravidão. As aves de rapina reforçariam o significado da condição de “satélite” dos soviéticos. Sobre os corvos, Maxsuel Pereira Barbosa e Renata Silva de Oliveira Galvão destacam que as aves, já entre os celtas, eram associadas à morte. “De acordo com a narrativa mítica celta, a deusa da batalha Nemain, às vezes tomava a forma de um corvo e intervia no campo de batalha, transtornando os guerreiros e causando carnificinas (...).” (BARBOSA; GALVÃO, 2020, p. 90). Entre janeiro e maio de 1950, a Coreia foi mencionada em 25 páginas do noticiário, com destaque para a visita do embaixador extraordinário da Coreia do Sul, Song Dong Kim. As reportagens enfatizavam seus esforços para estabelecer relações diplomáticas com o Brasil. Além disso, outros textos abordaram a questão do chamado “Imperialismo Soviético” e da “Ameaça Vermelha”, associando a intervenção da União Soviética na Coreia a um potencial risco geopolítico. No mês de junho, período em que se iniciou o conflito armado entre as Coreias, o tema ganhou ainda mais espaço na imprensa, totalizando outras 25 páginas dedicadas ao assunto apenas naquele mês. O embate militar entre os países teve início em 25 de junho, intensificando a cobertura midiática sobre a guerra.

No dia 26 de junho, novamente a Coreia ganha um destaque na capa do jornal, com o título “Invasão Comunista na Coreia do Sul”, noticiando a invasão de 60 mil soldados norte coreanos passando para o lado sul da fronteira, onde tinham várias localidades



“tomadas pelos vermelhos”. Interessante notar que o jornal narra a resistência coreana como heroica. No mesmo dia, a edição vespertina voltou a noticiar o ocorrido. Na página 1 faz uma advertência a uma possível guerra mundial na Coreia, denunciando a “Ameaça Vermelha” no oriente e o risco dos soviéticos e chineses tomarem parte da “Coreia Meridional”. Um cartaz anuncia “Mais uma revoltante provocação comunista a paz mundial, seriamente ameaçada pela invasão da Coreia Meridional - Imediata reação dos Estados Unidos”. O presidente Truman toma a posição de um líder eficaz ao responder à ameaça rapidamente. Na página 8 da mesma edição, o jornal volta anunciando a “Ameaça Vermelha”, trazendo os informes sobre a guerra e o pronunciamento dos demais países sobre o ocorrido, numa demonstração de cautela para evitar qualquer conflito mundial.

Figura 2: “Perigo mundial!”. Recorte do acervo digital do O Globo.

**PERIGO MUNDIAL!** Cresce, de momento a possibilidade de nova conflagração

**EM PLENA LUTA OS NORTE-AMERICANOS NOS CEUS E NOS MARES DA COREIA!**

**“Tanks” comunistas, sob o fogo dos aviões “yankees” — O posto avançado do Q. G. de Mac Arthur, já na Coreia meridional — Bombas-foguetes em ação — Navio afundado — Não haverá um novo “Pearl Harbour” — Previnem-se os Estados Unidos contra novas agressões**

A SOMBRIA ameaça que vinha pesando sobre o mundo acentua-se sensivelmente nestas últimas horas. Tornou-se realmente mais evidente o perigo de uma nova conflagração, em consequência da agressão sofrida pela Coreia Meridional. Deste modo, a Humanidade, ainda não releta do tremendo conflito terminado em 1945, já está novamente na iminência de sofrer os horrores de outra luta armada, de imensas proporcões e resultados absolutamente imprevisíveis. A reação dos Estados Unidos à inominável violação dos comunistas da Coreia Setentrional não se fez esperar. Não podia, certamente, o grande República do Norte ter attitude diferente. Tornou-se-lhe impossível continuar a contemplar em face das repetidas investidas vermelhas no Extremo Oriente. Era natural, portanto, que a resolução do Governo norte-americano iniciasse a operação, que é como ninguém ignora, o fio inspirador de todas aquelas operações, cujo objetivo é criar um clima de insegurança total, favorável à dominação comunista do mundo. O radiô de Moscou já começou a sobreviver.

Seja como for, chegou o momento de reagir decididamente contra os agressões, e as potências democráticas não recuam, hoje e que houver. Provam-no eloquentemente as inequívocas demonstrações de solidariedade que estão recebendo os Estados Unidos.

**DOIS “CAÇAS” ABATIDOS**

LONDRES, 28 (I.N.S.) — Esguete — Um despatote de Tóquio informa que dois aviões de caça norte-americanos foram derrubados durante violentas combates aéreos sobre o sul da Coreia. Os pilotos salvaram-se em paracadidus.

**COM FERRELAÇÕES NA FERRELAÇÃO**

BAKUREI (Japão), 28 (I.N.S.) — Um avião de bombardeio “B-29” japonês a esta hora repórta com dois buracos de bala na sua fuselagem, informando seu piloto que se empenhara em violentos combates contra oca “F-51” das coreanas do norte.

**CONTRA OS “TANKS”**

TOQUIO, 28 (I.N.S.) — Urgente — Aviãos F-51 da Força Aérea dos Estados Unidos, apilando aparelhos de bombardeio B-26, bombardeiros, entraram em ação contra unidades de “tanks” comunistas na Coreia. Simultaneamente, outros aparelhos de caça norte-americanos se empenharam em violentos combates aéreos contra aviões Yak, dos coreanos do norte.

**PRIMEIROS EXITOS**

TOQUIO, 28 (I.F.F.) — Anuncia-se que as forças aéreas norte-americanas que partiram para a Coreia Meridional já iniciaram as operações bélicas, atacando com violência as tropas comunistas coreanas. As forças terrestres coreanas meridionais cooperam com a aviação norte-americana, tendo obtido já os primeiros êxitos.

**FALA TRUMAN**

WASHINGTON, 28 (AFP) — O presidente Truman declarou hoje: “Espero que a decisão dos Estados Unidos, de se oporem à marcha do comunismo para a frente, significará a paz no mundo.”

**CARRERAGOS DE BOMBAS**

A Coreia é uma península cujo extremo Sul, conforme se vê pelo mapa, à esquerda, em cima, fica bem perto do território japonês. Depois da expansão imperialista com a qual ter dominado a China — a Coreia do Sul era a única parte da região ainda sob regime democrático. Seguiu do sua costunetaria tática, os comunistas organizaram o movimento revolucionário, com demagogia infimada — dos quais a ilustração superior direita dá uma ideia — instigando a população contra os habitantes do Sul. Ali, a palavra de ordem não era a paz, mas a guerra. E os norte-coreanos, empunhando a bandeira russa — quadro do centro, em baixo — invadiram o resto da península, pondo em perigo a paz mundial, pela qual dizem lutar. O general Mac Arthur, à esquerda, é o representante das forças do mundo democrático, no Oriente, e está atento para de ter a invasão comunista. O presidente da Coreia do Sul, Syndman Rhee, à direita, defende este resíduo da democracia, enquanto o mundo inteiro, estarecendo, aguarda os resultados, talvez catastróficos, de mais um atentado comunista à paz mundial!

**O GLOBO**  
FUNDACÃO DE IRINEU MARINHO  
Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO  
Diretor-Administrativo: HERBERT MOSES  
Diretor-Substituto: RICARDO MARINHO  
Diretor-Corredor: J. BASTOS PABLEIA

**COMPARAVEL AO INFERNO A VIAGEM NO “DUQUE DE CAXIAS”!**  
GRAVES DENUNCIAS, INCLUSIVE DE UM SACERDOTE, AO NECESSARIAR

**APOIO A TRUMAN DE TODO O MUNDO LIVRE E DEMOCRÁTICO**

Fonte: O Globo <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

Em 28 de Junho, a primeira página expressa temor pela “Ameaça Vermelha”, e o medo de uma “Terceira Guerra Mundial” e sua esperança na “Grande República do Norte”

que recebe apoio das “Potencias Democráticas” contra a “inominável violência dos comunistas”. Truman recebe um destaque por ser o presidente na frente desse conflito, sendo ovacionado como salvador das democracias, afirmando que a Coréia do Sul era o único centro democrático na península.

A reação dos Estados Unidos à inominável violência dos comunistas da Coréia Setentrional não se fez esperar. Não podia, certamente, a grande República do Norte ter atitude diferente. Tornou-se-lhe impossível continuar a contemporizar em face das repetidas investidas vermelhas no Extremo Oriente. Era natural, portanto, que a resolução do Governo norte-americano irritasse o Kremlin, que é, como ninguém ignora, o frio inspirador de todas aquelas arremetidas, cujo objetivo é criar um clima de insegurança total, favorável à dominação comunista do mundo. O rádio de Moscou já começou a esbravejar. Seja como for, chegou o momento de reagir decididamente contra as agressões, e as potências democráticas não recuarão, haja o que houver. Provam-no eloquentemente as inequívocas demonstrações de solidariedade que estão recebendo os Estados Unidos. (O Globo, 1950, p. 2-6)

Os editais que seguem com frequência retratando informes de guerra fazem um apelo para as forças combatentes pela democracia, evidenciando a ajuda militar que os países estão enviando para combater a “invasão comunista” em apoio ao presidente Truman, glorificando e ovacionando as ações de Mac Arthur, general que está na linha de frente das forças democráticas na Coréia.

Os EUA, sob a Doutrina Truman, justificaram sua política externa intervencionista como parte do combate ao avanço comunista, mas, na realidade, essas ações serviam para garantir sua hegemonia global e a manutenção do capitalismo. David Harvey (2005) argumenta que o imperialismo contemporâneo se manifesta por meio de intervenções militares, expansão de mercados e controle de recursos estratégicos, sempre sob justificativas ideológicas como a defesa da liberdade e da democracia. Na Guerra da Coreia, esse processo ficou evidente: enquanto a narrativa oficial retratava a intervenção como uma luta contra a “invasão comunista”, analistas críticos apontam que a guerra foi parte da disputa hegemônica entre EUA e URSS, reforçando os interesses dos países centrais em detrimento da autodeterminação dos povos periféricos (CHOMSKY, 1996).

Assim, os editais e informes de guerra que exaltavam as ações de MacArthur e dos EUA não apenas construíam uma visão maniqueísta do conflito, mas também ajudavam a legitimar o imperialismo americano, disfarçado de cruzada democrática. Esse discurso, amplamente difundido pela imprensa, consolidava a noção de que a resistência comunista era uma ameaça global, justificando intervenções militares que, no fundo, protegiam os interesses econômicos e geopolíticos das potências capitalistas.

No final de junho dispara o número de páginas (25) dedicadas à Coreia, porém julho é o mês de 1950 em que a Coreia mais apareceu nas páginas d'O Globo, contabilizando 99. A maior parte dos noticiários são relacionados aos conflitos e informes de guerra. Mac Arthur, representante dos EUA e das Nações Unidas na Coreia se torna uma figura heroica, onde seus esforços e suas aventuras tomam parte dos noticiários, sendo ele a esperança das democracias contra o "Terror Vermelho" e sua expansão na Ásia. Por outro lado, os soviéticos são alvos de suspeita para todos, e um terror a ser combatido, uma ameaça mundial, até quando promoveu comícios pela paz foi satirizada pelo jornal.

Figura 3: "Todo a Rússia está fazendo comícios... Pró paz!". Recorte do acervo digital do O Globo.

**TODA A RUSSIA ESTÁ FAZENDO COMÍCIOS... PRÓ-PAZ!**

**O PRESIDENTE DA REPUBLICA PEDE A COLABORAÇÃO DE TODOS OS BRASILEIROS PARA O ÊXITO DO RECENSEAMENTO**

**O GLOBO**  
FUNDADAÇÃO DE IRINEU MARINHO  
Diretor-Presidente: WOLFFSON, MARINHO  
Diretor-Administrativo: RICARDO MARINHO  
Diretor-Editorial: HERBERT MOSES  
Diretor-Operativo: J. MASTOS PADILHA

**FORÇA EXPEDICIONARIA DA ONU PARA A COREIA**  
Contribuição militar, aérea e naval de todas as nações democráticas membros daquela organização para combater os invasores comunistas da Coreia do Sul

Trygve Lie e seus colaboradores já empenhados em consultas aos chefes das várias delegações — As delegações australianas postas à disposição de Mac Arthur — Resposta do Kremlin ao Conselho de Segurança — Nunca foi tão grande o poderio bélico dos Estados Unidos, declara o secretário da Defesa, Sr. Louis Johnson

LAKE SUCCESS, 29 — (De Bruce Munn, U. P.) — Os altos funcionários das Nações Unidas já estão estudando a formação da "Força Expedicionária das Nações Unidas" para ir combater os comunistas que invadiram a Coreia Meridional. Vários países já ofereceram colocar tropas, aviões, navios de guerra e armamentos e munições à disposição da "Força Expedicionária das Nações Unidas". As Repúblicas da América Latina estão dispostas também a contribuir com sua parcela para a formação da referida "Força Expedicionária das Nações Unidas".

(Mais telegramas na 3ª página)

**PRÓMETE DESMASCARAR A "FARSA DE REPRESSÃO AO MERCADO NEGRO"**

Trá, afinal, depór, na próxima segunda-feira, o senhor Gama Filho — Declara S. S. a O GLOBO que comparecerá espontaneamente e, não, por efeito de intimidação — Confiante o comércio

**APONTADA COMO MATADORA DO MARIDO!**

O sargento Gilberto Barboza entra o repórter e O GLOBO e o Detetive Martinelli, que se vê, à direita.

O verdadeiro crime foi, a propósito, a O GLOBO, na manhã de hoje, a seguinte declaração: — Em dopor, na próxima CONCLUSÃO NA 10.ª PÁGINA

**CONFRATERNIZAM ESPANHÓIS E CHILENOS**  
(CENSO NA 10.ª PÁGINA)

**PARALISADO O AVANÇO VERMELHO**

O empate decepcionante — Ainda re-perante o surpreendente resultado da segunda partida disputada pelo hockey brasileiro, nesta quarta "Copa do Mundo". Enfrentando um conjunto de muita menor possibilidade, não fomos além de um empate, que se traduziu por uma vitória imensamente maior de ataque, pois basta acustar que, enquanto atiramos à meta de Stuber 27 vezes, os suecos não chegaram ao arco de Barboza senão 16 vezes. Para ganhar o match faltava um pouco de "chance" e outros nos avançar, e sobretudo, um sistema capaz de destruir a própria estratégia helvética, que teve em cada homem um perfeito executor da tarefa. Teófilo, e em Stuber, particularmente — o keeper — um aajo salvador. No lance que ilustra este texto, o arremesso de Ademir foi serioso. Stuber, porém, estava colocado para evitar o desempate.

Fonte: O Globo <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

Durante a Guerra da Coreia, a imprensa ocidental desempenhou um papel crucial na construção da narrativa anticomunista, reforçando a visão de que o conflito era uma luta entre "nações democráticas" e "invasores comunistas". Manchetes que ironizavam os comícios pró-paz promovidos pela União Soviética ilustram essa estratégia discursiva. Qualquer tentativa soviética de defender a paz era tratada com cinismo, sendo vista como propaganda enganosa, enquanto as ações militares dos Estados Unidos e seus aliados eram glorificadas. Esse enquadramento fortalecia a noção do "Perigo Vermelho", em que o

comunismo era constantemente retratado como uma ameaça à liberdade global (MOTTA, 2002).

O informe sobre a "Força Expedicionária da ONU" na Coreia segue a mesma lógica, apresentando a intervenção militar como uma ação coletiva das "nações democráticas" para conter o avanço comunista. No entanto, essa narrativa ocultava o fato de que a ONU, nesse contexto, foi instrumentalizada para servir aos interesses das potências ocidentais, especialmente dos Estados Unidos. O imperialismo contemporâneo se sustenta não apenas por meio da força militar, mas também pela construção de discursos que legitimam a dominação. Ao retratar a guerra como uma cruzada pela democracia, a mídia ajudava a justificar as ações intervencionistas do Ocidente e a consolidar uma visão maniqueísta do conflito.

Dessa forma, tanto as manchetes que ridicularizavam os comícios pró-paz da URSS quanto os informes sobre a Força Expedicionária da ONU contribuíam para reforçar o discurso anticomunista, legitimando a ação militar ocidental e consolidando a ideia de que o comunismo era um inimigo global a ser combatido.

Conforme o ano passa, parte dos noticiários continua a ser sobre informes de guerra, sempre com representações da ameaça comunista ou vermelha, sendo esses representados como invasores do território coreano. No primeiro ano são raros os dias que a Guerra e a "Ameaça Vermelha" não ocupam um lugar de destaque na capa.

Em 1951 as coisas não mudam muito. Os noticiários na maior parte ainda são informes de guerra, mostrando as táticas, avanços e recuos das tropas. Os "aliados" recebem bastante apoio do jornal, quando perdem uma batalha esta é relatada como "aterradora", como foi noticiada na primeira página em 27 de abril, destacando a frase de Mac Arthur "São aterradoras as perdas americanas na Coréia". Apesar das grandes diferenças entre URSS e China, ambos os países são enquadrados como inimigos da paz no ocidente. Nesse ano, Mac Arthur foi demitido por Truman como comandante das forças da ONU e é substituído pelo general Ridgway<sup>9</sup>.

É notável o uso recorrente da palavra "vermelho" para se referir às forças comunistas, como evidenciado em manchetes de 1951, tais como: "A NOVA OFENSIVA

---

<sup>9</sup> **MacArthur** foi **demitido**, devido a conflitos sobre a estratégia militar. Enquanto Truman defendia uma guerra limitada para evitar confronto direto com a **China e a União Soviética**, MacArthur propunha uma abordagem mais agressiva, incluindo o uso de **bombardieiros nucleares contra Coreia do Norte e China**. Além disso, suas críticas públicas à política do governo foram vistas como **insubordinação**, levando à sua substituição pelo general **Matthew Ridgway**. (VISENTINI et.al, 2015, p. 70).

VERMELHA NO CENTRO DA CORÉIA”, “EM FUGA FORÇAS CHINESAS VERMELHAS” e “ENFRAQUECE A CONTRAOFENSIVA VERMELHA”. O emprego do termo “vermelho” surge sistematicamente em contraposição à posição editorial do jornal, reforçando uma narrativa contínua de associação do comunismo ao “Perigo Vermelho”. Algo que Motta já faz associação no título de seu trabalho: *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*.

O uso da palavra "vermelho" para designar comunistas não é apenas uma referência cromática, mas um instrumento de enquadramento ideológico. Desde a Revolução Russa (1917), a cor vermelha simboliza o comunismo, mas, durante a Guerra Fria, foi amplamente usada de forma pejorativa para reforçar o "Perigo Vermelho" (MOTTA, 2002). A imprensa anticomunista, como evidenciado em manchetes de 1951, adotou essa terminologia para associar o comunismo a uma ameaça, estratégia similar ao macartismo nos EUA (SCHRECKER, 1998). No Brasil, essa retórica justificou repressões políticas, especialmente durante a ditadura militar. Assim, o termo "vermelho" tornou-se uma ferramenta discursiva para deslegitimar o comunismo e reforçar narrativas anticomunistas.

Com o limitado avanço militar tanto da Coréia do Sul quanto da Coréia do Norte, aliado ao intenso desgaste gerado em um curto período de conflito, que resultou em aproximadamente 3 milhões de vítimas, o jornal *O Globo* passou a destacar os esforços para a concretização de um armistício entre os países envolvidos. No terceiro ano da guerra, observa-se uma redução no uso de termos como “vermelho” e “comunista”, enquanto a palavra “paz” ganha maior destaque, ainda que permeada por um temor generalizado de que a situação coreana pudesse espelhar a divisão da Alemanha em 1945 – um cenário que, de fato, não demoraria a se concretizar.<sup>10</sup>

É notável a contraposição estabelecida pelas manchetes entre a democracia e o comunismo, com os Estados Unidos liderando essa narrativa. Nesse contexto, Motta (2000) explica a estratégia utilizada pelos anticomunistas para enfrentar o movimento:

Especialmente nos anos que precederam o golpe de 1964, os anticomunistas exploraram bastante o argumento, procurando estabelecer uma contraposição democracia versus comunismo. Não apenas denunciaram os riscos que a

---

<sup>10</sup> Um detalhe curioso, que poderia passar despercebido, é a menção, na edição de 27 de julho de 1953, a uma rebelião em Santiago de Cuba, publicada na página 16 do mesmo jornal que noticiava a “Desintegração do império comunista”. Em um breve trecho, o periódico relata: “Rebelião em Cuba: estaria revoltada a guarnição da cidade de Santiago, em Cuba, segundo rumores que circularam em Havana, onde foi reforçada a guarda do palácio presidencial. Foi imposta a censura nas comunicações com o exterior da ilha (AFP)”. Esse evento, posteriormente, seria reconhecido como o início da Revolução Cubana, marcado pelo Assalto ao Quartel Moncada.

democracia estaria correndo [...] mas estenderam o rótulo de “democratas” a todos os grupos anticomunistas. Os líderes que disputavam com os comunistas o controle das entidades estudantis eram “estudantes democratas”<sup>89</sup>, os sindicalistas de orientação anticomunista eram dirigentes de “sindicatos democratas” e assim por diante. A julgar pelas representações anticomunistas construídas no quadro da crise pré-64, o que estava em jogo era uma luta pelo poder opondo democratas a comunistas. (MOTTA, 2000, p.63)

A cobertura da Guerra da Coreia no jornal *O Globo* reflete um discurso fortemente alinhado com o anticomunismo da Guerra Fria, construindo uma narrativa em que o conflito era apresentado como uma batalha entre o mundo livre e a ameaça vermelha. Desde os primeiros relatos sobre a Coreia do Norte como vítima do imperialismo soviético até a glorificação das ações de MacArthur e a ridicularização das iniciativas soviéticas pró-paz, a imprensa desempenhou um papel central na legitimação do intervencionismo norte-americano. O jornal, assim como outros veículos da época, não apenas noticiava os eventos, mas os enquadrava dentro de uma lógica maniqueísta que reforçava o "Perigo Vermelho" e justificava a necessidade da liderança dos Estados Unidos no cenário global.

Ao longo dos anos de conflito, observa-se uma mudança no tom das reportagens. Se nos primeiros momentos a guerra era tratada como um embate crucial entre democracia e comunismo, à medida que o conflito se prolongava e as perspectivas de uma vitória militar se tornavam menos evidentes, o discurso passou a enfatizar a busca por um armistício. Esse deslocamento na narrativa acompanha um cenário de desgaste político e militar, bem como uma crescente preocupação com os desdobramentos da Guerra Fria. A divisão definitiva da Coreia e a permanência do regime comunista no Norte evidenciaram os limites da intervenção ocidental e anteciparam os desafios que viriam a marcar os anos seguintes.

Nesse contexto de disputa geopolítica, a imprensa manteve o tom alarmista, alertando para novas ameaças que poderiam emergir do bloco comunista. A iminência do uso de armas nucleares pelos Estados Unidos como estratégia para conter o avanço da União Soviética tornava-se um tema recorrente, reforçando o imaginário da destruição total e da necessidade de contenção do inimigo. Assim, a transição da narrativa da guerra para os testes nucleares se insere em uma lógica de continuidade do discurso anticomunista, agora deslocado para uma dimensão ainda mais extrema: a possibilidade de um conflito nuclear global.

Quase seis décadas após o conflito armado, a Coreia do Norte voltou a ganhar destaque internacional devido ao avanço de seu programa nuclear, gerando insatisfação na comunidade internacional, que, sem grande sucesso, tenta conter suas ambições. Ao longo de sua história, o país realizou seis testes nucleares, cada um deles resultando em

sanções econômicas e políticas por parte de outras nações. As sanções foram impulsionadas pelos EUA, com forte apoio do Japão, Coreia do Sul e União Europeia. A China e a Rússia, embora tenham apoiado algumas resoluções da ONU, demonstraram resistência a sanções mais severas, argumentando que poderiam desestabilizar ainda mais a região.

Em 9 de outubro de 2006, a Coreia do Norte realizou seu primeiro teste nuclear. A manchete do dia 10 n'O *Globo*, estampada na primeira página, destacava: "TODOS CONTRA A CORÉIA DO NORTE". A cobertura ressaltava que o "mundo condena com veemência" o ato, citando a reprovação de países como Japão e Venezuela. Paralelamente, o jornal destacou a proximidade do regime norte-coreano com a Rússia, que havia sido avisada duas horas antes do teste.

No dia seguinte, na página 40, uma manchete afirmava: "É preciso conversar com monstros", seguida da explicação: "Se existe uma lição que tiramos do suposto teste nuclear da Coreia do Norte é: temos que negociar diretamente, mesmo com regimes brutais e hostis.". Na mesma página, uma breve nota intitulada "FELICIDADE COMUNISTA" descrevia uma imagem de "mulheres norte-coreanas dançando numa cerimônia pública" em celebração ao 61º aniversário de fundação do Partido dos Trabalhadores da Coreia, que governa o país desde 1945. Apesar da aparente neutralidade da descrição, a nota enfatizava o caráter autoritário do regime, referindo-se ao governo como uma "mão-de-ferro", ainda que a imagem em si não evidenciasse tal aspecto.

Figura 4: "É preciso conversar com monstros". Recorte do acervo digital do O Globo.



## O COTIDIANO DO PAÍS ISOLADO



**DISCIPLINA MARCIAL:** Centenas de soldados norte-coreanos desfilam num estádio de Pyongyang no Dia do Trabalho, em 2000, enquanto cerca de 25 mil pessoas seguram cartões formando desenhos representando o poder militar do país, que consome 80% do orçamento do Estado



**REGIME FECHADO:** Um soldado norte-coreano joga uma pedra num fotógrafo estrangeiro posicionado no outro lado do Rio Yalu, que separa a Coreia do Norte da China, para impedir o trabalho da imprensa



**FELICIDADE COMUNISTA:** Mulheres norte-coreanas dançam numa cerimônia pública na capital do país para celebrar o 61º aniversário de fundação do Partido dos Trabalhadores da Coreia, que governa com mão-de-ferro o norte da Península Coreana desde a derrota japonesa em 1945

### É preciso conversar com monstros

**Nicholas D. Kristof**

Se existe uma lição que tiramos do suposto teste nuclear da Coreia do Norte é: temos que negociar diretamente, mesmo com regimes brutais e hostis.

Provavelmente é muito tarde para deslizar a bagueta que o presidente George W. Bush armou em relação à Península Coreana, mas ainda é tempo de aplicar essa lição com a Síria e especialmente com o Irã, onde temos chances de estar envolvidos numa terceira guerra contra um país muçulmano.

Eu acredito em conversações com nossos inimigos. Negociar com nossos inimigos não é necessariamente dar um sinal de conciliação — ressaltou o ex-secretário de Estado americano James Baker em uma entrevista no domingo na rede de TV ABC.

Os governos, tanto do ex-presidente George Bush (pai do atual presidente) quanto gradável, mas afastou o risco de guerra e criou incentivos para a Coreia do Norte moderar seu comportamento. E foi o que fez.

O resultado dessas políticas também pode ser medido em plutônio. A quantidade de plutônio, matéria-prima para bombas nucleares, obtida pela Coreia do Norte durante a administração Clinton foi zero. Durante esta administração: o suficiente para a fabricação de oito bombas nucleares.

— Sem ter qualquer tipo de contato com o outro lado, também perdemos qualquer forma de controle direto — disse James Laney, especialista em Coreia do Norte e ex-embaixador americano na Coreia do Sul. — Como esse teste indica, estamos completamente fora de cena.

Mas o vilão nesta história, é claro, não é Bush, mas sim o líder norte-coreano. O governo acha que o atual regime norte-coreano pode entrar em colapso a qualquer mo-

primeira viagem à região, em 1989. Claro, não entrar em colapso em um determinado momento no futuro, mas esperar por essa desintegração não é bem uma estratégia.

Na verdade, a Coreia do Norte pode estar menos vulnerável agora, parte por que a economia teve um crescimento significativo desde o final da década de 90, como resultado de investimentos chineses e acordos comerciais com a China. No ano passado, o comércio entre os dois países foi o dobro do registrado em 2002 e o quadruplo do registrado em 1999.

A fronteira entre a China e a Coreia do Norte tem tido uma intensa movimentação comercial e pode ficar ainda mais movimentada se forem adiantadas discussões em torno da expansão do comércio bilateral e da utilização do porto norte-coreano de Rajin para exportações chinesas.

A pressão feita pelo governo Bush para a aprovação de sanções na ONU é bem-vinda

e devemos ter consciência do grande perigo por trás de algumas atitudes que podemos tomar. Se promovermos a despejo de navios que entram e saem do país, o mais provável é que o governo norte-coreano nos declare guerra. E com isso eu temo pela situação de Tóquio, Orléans e Seul.

Então, o que devemos fazer? Enquanto a resolução da ONU tramita, poderíamos conversar com a Coreia do Norte diretamente. É provável que seja tarde demais para persuadi-la a desistir de seu arsenal nuclear, mas é plausível que existe a determinação de continuar arrendando plutônio. Eles podem, inclusive, suspender testes com mísseis e armas atômicas.

O desafio é maior do que a Coreia do Norte. Nosso desafio é como lidar com regimes perigosos e hostis em diversas partes do mundo. Muitas vezes, é melhor tentar conversar com monstros do que tentar matá-los ou obrigá-los a agir de

**CORPO A CORPO**

**GÖTZ NEUNECK**

### ‘O mundo ficou mais complicado’

• **BERLIM.** O cientista político Götz Neuneck, do Instituto de Pesquisa da Paz e de Política de Segurança de Hamburgo, diz que o teste provocará uma nova corrida armamentista.

**Graça Magalhães-Ruether**

*Correspondente*

**O GLOBO:** As ambições nucleares da Coreia do Norte e lá significam que o mundo caminha para uma nova Guerra Fria?

**GÖTZ NEUNECK:** Não podemos comparar no sentido de que a Guerra Fria foi, do ponto de vista histórico, uma divisão do mundo em duas partes, o que não ocorre agora. Mas o mundo ficou mais complicado com a nova potência nuclear, a Coreia do Norte. Há o perigo de que outros países passem a deduzir que a segurança só é possível com

• **Que estratégia a comunidade internacional deve adotar em relação à Coreia do Norte?**

**NEUNECK:** A comunidade internacional deve procurar pressionar esses países que representam um risco de segurança a obterem garantias de que renunciem à opção nuclear. Mas os envolvidos nas negociações devem partir do pressuposto de que só a ameaça de sanções, sem uma solução diplomática, não resolve.

• **Como a maior potência da região, a China, pode intermediar melhor do que os países ocidentais?**

**NEUNECK:** A China é o vizinho e aliado mais próximo. Mas veja que também a China não conseguiu impedir o teste nuclear. O regime de Pyongyang age sozinho, sem ouvir os conselhos dos países aliados.

Fonte: O Globo <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

A cobertura do jornal refletiu a condenação internacional com a manchete “TODOS CONTRA A CORÉIA DO NORTE”. A reportagem destacava a reprovação unânime de países como Japão e Venezuela, além de mencionar a proximidade do regime norte-coreano com a Rússia, que havia sido avisada duas horas antes do teste. Essa abordagem inicial reforçava a gravidade do ato e a rejeição global ao regime de Pyongyang.

No entanto, no dia 11 de outubro, o tom da cobertura parecia evoluir para uma reflexão mais pragmática. Na página 40, a manchete “É preciso conversar com monstros” sugeria que, apesar da brutalidade e hostilidade do regime, o diálogo era uma ferramenta necessária para lidar com crises internacionais. Essa mudança de enfoque revelava uma tentativa de equilibrar a condenação moral com a realidade política, reconhecendo que o isolamento nem sempre é a solução mais eficaz.

Na mesma página, uma nota intitulada “FELICIDADE COMUNISTA” descrevia mulheres norte-coreanas dançando em uma cerimônia pública para celebrar o aniversário do Partido dos Trabalhadores. Apesar da aparente neutralidade da descrição, a referência



ao governo como uma “mão-de-ferro” deixava claro o caráter autoritário do regime. Essa breve nota, embora factual, servia como um lembrete sutil da natureza opressiva do governo norte-coreano, contrastando com a imagem festiva apresentada.

Assim, a cobertura do *O Globo* oscilou entre a condenação veemente e a defesa do diálogo, ao mesmo tempo em que reforçava, de forma indireta, a imagem de um regime autoritário. Essa abordagem multifacetada não apenas refletia a complexidade do evento, mas também a dificuldade de narrar acontecimentos geopolíticos sem simplificar suas nuances. A dualidade na narrativa — entre reprovação e pragmatismo, entre descrição e crítica — revela como o jornalismo lida com temas sensíveis, buscando informar sem perder de vista as camadas mais profundas da realidade.

O “monstro” na manchete retoma uma figura que também foi muito utilizada para se referir aos personagens comunistas:

Além disso, os comunistas foram diversas vezes chamados de monstros (“... monstros finais do Apocalipse...”), feras (“Harry Berger e Machla Lenczyck: eis um casal de feras!”) e freqüentemente tinham sua imagem associada a insetos (“... cupim voraz ...”; “A tarantula bolchevista estende sua rede sobre o mundo”; “carrapatos vermelhos”). (Apud MOTTA, 2000, p.77)

Em 15 de outubro, também na página 40, outra manchete chamava atenção: “A espera do colapso do Norte”. O texto trazia depoimentos de cidadãos sul-coreanos, que destacavam as dificuldades econômicas enfrentadas pelo Norte. Em outro trecho, o jornal apresentava a opinião de “Chon”, que sugeria três cenários possíveis para a unificação coreana: por meio da diplomacia e ajuda humanitária; através de um confronto militar com vitória dos Estados Unidos; ou, mais provavelmente, por meio do colapso interno do regime norte-coreano.

Esse trecho ressuscita um argumento muito utilizado contra a URSS sobre a miséria e a instabilidade econômica, como podemos ver nesse trecho de Mota:

Exatamente por isto, os anticomunistas investiram pesado para mostrar que, ao contrário das promessas de igualdade e melhoria das condições de vida dos trabalhadores, o regime bolchevista ofereceria, concretamente, miséria e exploração. Muita tinta e papel foram gastos para convencer os brasileiros que na União Soviética “(...) os operarios têm a peor vida do mundo inteiro, têm salario mais baixo (...), moram nas peores casas, se vestem mais andrajosamente e vivem em tudo, a peor e mais tragica das existencias”. O tão decantado socialismo não passaria de burla, pois os líderes comunistas viveriam tão luxuosamente quanto as antigas classes dominantes. (MOTTA, 2000, p.104)

Em 25 de maio de 2009, a Coréia do Norte realizou mais um teste nuclear, desta vez

com maior intensidade, o que novamente atraiu a atenção da mídia internacional, destacando-se nas manchetes dos jornais do dia 26 de maio. As reportagens exibiam imagens de um foguete e de manifestações na Coreia do Sul contra o regime norte-coreano, acompanhadas de declarações de representantes de diversos Estados que condenaram o teste. Entre eles, destacou-se a China, que, ao lado dos Estados Unidos, Coreia do Sul e até mesmo do Irã, expressou sua reprovação ao ato.

Figura 5: "ONU condena Coreia do norte". Recorte do acervo digital do O Globo.

**TESTE MAIS PODEROSO**

**ALCANCE:** O tremor causado pelo teste foi sentido na Coreia do Sul, a 200km de distância.

**HORÁRIO:** 9h54m (hora local)

**PODERIO:** A Organização do Tratado de Proibição Abandono de Testes Nucleares (CTBT) estima que o teste de ontem tenha alcançado 4,52 na escala Richter, contra 4,1 do teste de 2006.

O CTBT estima o poder da explosão em menos de 10 quilogramas (10kg de TNT); já o Ministério da Defesa russo estima em 200 quilogramas, contra 1 quilograma em 2006. A bomba de Hiroshima tinha 13 quilogramas.

**O TESTE NUCLEAR SUBTERRÂNEO**

- 1) Explosão
- 2) Liquefação
- 3) Resfriamento
- 4) A explosão cria uma cratera

**CRONOLOGIA DA AMEAÇA NORTE-COREANA**

- 1998:** Coreia do Norte lança seu primeiro míssil balístico de longo alcance.
- 1999:** Manifesta de Pyongyang sobre testes nucleares.
- 2002:** Retomada do programa nuclear norte-coreano.
- 2003:** Híndus se Negociantes a ó (Rússia, China, EUA, Japão, Coreia do Norte e do Sul) sobre desnuclearização da Coreia do Norte.
- 2006:** Julho: lançamento de 7 mísseis; sanções da ONU; Outubro: teste nuclear; sanções da ONU.
- 2007:** Fevereiro: Pyongyang concorda em fechar o reator de Yongbyon em troca de ajuda em combustíveis.
- 2008:** Junho: Pyongyang apresenta relatório sobre arsenal nuclear; Outubro: EUA renovam a Coreia do Norte de lista de países que perturbam o tratado.
- 2009:** Janeiro: Pyongyang anuncia testes sobre arsenal nuclear; Abril: Pyongyang lança foguete levando o que diz ser um satélite de comunicações (o Ocidente acredita ser o míssil Taepoong-2); maio: abandona negociações e retoma programa nuclear.

**DEPOICONG-2**  
 Diâmetro: 700kg  
 Alcance: 3.500km-7.000km  
 Figura humana em escala

**“A China se opõe veementemente e pede à Coreia do Norte que cumpra sua promessa de desnuclearização e cesse qualquer atividade que possa prejudicar a situação e as negociações”**  
 Ministério do Exterior da China

**“É uma ameaça direta à paz e à estabilidade na região e ao mundo”**  
 Yu Myung-hwan, chanceler sul-coreano

**“Nós nos opomos à produção e à proliferação de armas de destruição em massa”**  
 Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã

**OLIVER THRAENERT**  
*‘É muito difícil pressionar um governo disposto a tudo’*

Fonte: O Globo <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

No dia 29 de maio, o jornal publicou outra matéria na página 30, alertando sobre a crescente ameaça militar norte-coreana e comparando-a com as forças armadas da Coreia do Sul. Em seguida, o texto traçou um paralelo entre as duas Coreias, sob o título “Contraste de um povo dividido há meio século”. A reportagem enfatizou a divergência entre os dois países, argumentando que, enquanto a Coreia do Sul já se habituou às ameaças do Norte, a Coreia do Norte luta pela sua própria sobrevivência.

Figura 6: "Contrastes de um povo dividido há meio século". Recorte do acervo digital do O Globo.

# Contrastes de um povo dividido há meio século

No Sul, um povo acostumado com as ameaças

● SEUL. Em três dias, a Coreia do Norte testou uma bomba nuclear, lançou mísseis e declarou que não está mais presa a um armistício iniciado há 56 anos. Apesar de todas as ameaças, a reação dos sul-coreanos é de cansaço com a retórica beligerante de seus vizinhos do norte, ou até mesmo de pouco caso: não há qualquer sinal de um exodo para longe da fronteira, de uma corrida aos mercados para estocagem de suprimentos, ou mesmo protestos nas ruas.

Os motivos para a ausência de uma reação maior na população são vários. Desde o fim da Guerra da Coreia (1950-1953), os países continuam num estado de conflito declarado, pois não houve um tratado formal de paz. Portanto, o linguajar belicoso norte-coreano e até mesmo algumas escaramuças militares (trocas de tiros na fronteira ou mesmo limitadas batalhas navais, com mortos de parte a parte) não são uma novidade para os sul-coreanos. A capital, Seul, com mais de 10 milhões de habitantes, está a apenas 50

UM ÔNIBUS de passageiros passa ao lado de uma peça de artilharia sul-coreana, durante um exercício perto da fronteira com a Coreia do Norte



Kim Kyung-Hoon/Reuters

No Norte, tensão é por luta pela sobrevivência

● PYONGYANG. Enquanto o governo de seu país aumenta a tensão no Extremo Oriente, a população da Coreia do Norte já lida diariamente com problemas quase tão graves quanto uma possível guerra com o vizinho do Sul. Praticamente aprisionados dentro do país de regime mais fechado do mundo, os 22 milhões de habitantes lutam contra a miséria, ao mesmo tempo em que só re-

Jason Lee/Reuters



TRABALHADORES

norte-coreanos carregam um caminhão com sacas de farinha chinesa: sobrevivência com ajuda externa

quilômetros de distância da fronteira, e calcula-se que há pelo menos 300 peças de artilharia norte-coreanas voltadas para a cidade.

No caso específico da crise atual, o país ainda vive um momento de choque com o suicídio, no último sábado, do ex-presidente Roh Moo-hyun, que governou o país de 2003 até o ano passado.

"Nós não estamos preocupados", minimizou Ahn Hae-kyun, um funcionário da Daewoo Securities, ao jornal "The Times", de Londres: "Temos vivido nestas mesmas condições por mais de 50 anos."

cebem informações sobre política interna ou externa selecionadas pelo departamento de propaganda do governo.

O sistema totalitário de controle da população começou ainda na década de 1940, depois da declaração de independência do país em 1948, seguindo o modelo stalinista. Desde então, praticamente todas as informações que chegam para os norte-coreanos são escolhidas pela elite do Partido Comunista, que adota um opressor culto à personalidade, chegando a criar origens mitológicas para os dois líderes que o país teve — Kim Il-sung e Kim Jong-il, pai e filho. Desta forma, cada teste nuclear ou de mísseis é descrito para a população como um grande passo para a glória do Estado, e uma resposta a agressões estrangeiras.

Por outro lado, o desmantelamento da União Soviética, em 1991, provocou o corte do comércio de produtos subsidiados. Unindo isso às secas da metade dos anos 1990 e aos enormes erros de gerenciamento de terras, o país pobre se tornou miserável e um número estimado de dois milhões de pessoas morreram de fome. Até hoje, cerca de um terço dos norte-coreanos vive da ajuda humanitária externa — enquanto 25% do PIB do país são dedicados às Forças Armadas e ao desenvolvimento de armas atômicas.

Fonte: O Globo <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

Pela divisão coreana, também se torna mais evidente outra questão levantada por Mota, sobre comparações feita entre economias socialistas e capitalistas, técnica frequentemente usada para criticar a URSS:

Ainda assim, já nos anos 30 encontramos exemplos de propagandistas que se empenharam em demonstrar que a organização econômica de tipo soviético era menos eficiente se comparada ao regime da livre iniciativa. Alguns autores criticaram o funcionamento do sistema econômico "comunista", enxergando nele graves problemas estruturais. O autor de *Refutação científica ao comunismo* [refere-se a João Carlos Fairbanks], por exemplo, criticou severamente a teoria do valor de Marx, considerando-a ultrapassada e equivocada, aduzindo ainda que o comunismo representaria um retrocesso em relação ao capitalismo. (MOTTA, 2000, p. 64)

A cobertura do teste nuclear norte-coreano destacou a reprovação internacional, com ênfase na condenação da China, dos Estados Unidos, da Coreia do Sul e até mesmo do Irã. Essa ampla reprovação reforça a imagem da Coreia do Norte como um Estado isolado e desafiador da ordem global, uma característica comum nas narrativas anticomunistas que buscam retratar regimes socialistas como ameaças à estabilidade internacional. Além disso, as imagens de manifestações na Coreia do Sul contra o regime norte-coreano servem para contrastar os dois países, sugerindo uma oposição entre a "liberdade" sul-coreana e o "autoritarismo" norte-coreano.

No dia 29 de maio, o jornal publicou uma matéria intitulada "Contraste de um povo

dividido há meio século”, que traçou um paralelo explícito entre as duas Coreias. A reportagem argumentou que, enquanto a Coreia do Sul já se habituou às ameaças do Norte, a Coreia do Norte “luta pela sua própria sobrevivência”. Essa comparação reflete uma técnica frequentemente utilizada em discursos anticomunistas, como aponta Motta, que contrasta a suposta eficiência e prosperidade das economias capitalistas com o “atraso” e a “ineficiência” dos sistemas socialistas. No caso coreano, a divisão da península serve como um exemplo emblemático dessa narrativa, em que o Sul capitalista é retratado como moderno e resiliente, enquanto o Norte socialista é visto como frágil e isolado.

Em 12 de fevereiro de 2013, a Coreia do Norte realizou um novo teste nuclear, cuja intensidade superou a dos experimentos anteriores. No dia seguinte, o jornal destacou a reprovação da China ao teste, reforçando a imagem da Coreia do Norte como uma nação que desafia a comunidade internacional. O discurso midiático voltou a enfatizar a instabilidade e a ameaça representadas pelo país aos Estados livres e democráticos. Além disso, a ênfase na oposição chinesa ampliou a percepção de risco, conferindo maior impacto à narrativa que apresenta a Coreia do Norte como uma ameaça global. A matéria afirmava:

Com seu terceiro teste nuclear, realizado ontem, a Coreia do Norte voltou a ser alvo da reprovação de boa parte do mundo, principalmente de países ocidentais, além de desafiar mais uma vez resoluções do Conselho de Segurança da ONU. Desta vez, Pyongyang incomodou até mesmo sua maior aliada, a China, que disse se opor firmemente ao teste. Mas nada disso parece diminuir as ambições nucleares do país liderado por Kim Jong-un, que prometeu “passos mais fortes” caso os Estados Unidos “mantenha hostilidade”. (O Globo, 1950, p.38).

O texto do *O Globo* sobre o terceiro teste nuclear da Coreia do Norte, em 2013, apresenta traços discursivos que reforçam uma visão anticomunista. A ênfase na reprovação da China, aliada histórica de Pyongyang, constrói a imagem de um regime isolado e desafiador da ordem internacional. Ao destacar que a Coreia do Norte “incomodou até mesmo sua maior aliada”, o texto amplifica a ideia de um Estado que opera à margem das normas globais, em oposição à “comunidade internacional”, associada à estabilidade e aos valores democráticos.

A menção ao desafio às “resoluções do Conselho de Segurança da ONU” reforça a narrativa de um regime ilegítimo e hostil, enquanto a figura de Kim Jong-un é retratada como autoritária e beligerante, prometendo “passos mais fortes” contra a “hostilidade” dos EUA. Essa caracterização alimenta estereótipos associados ao comunismo, como autoritarismo e ameaça global.

Por fim, a linguagem utilizada no texto — com termos como “incomodou”, “desafiar” e “hostilidade” — amplifica a percepção de risco e constrói uma imagem negativa do regime

norte-coreano, alinhada ao que Motta identifica como uma das marcas do discurso anticomunista: a demonização do “outro” como inimigo da ordem e dos valores democráticos.

Em resumo, o texto utiliza uma linguagem que amplifica a percepção de risco e constrói uma narrativa anticomunista, posicionando a Coreia do Norte como um Estado desestabilizador e antagônico aos valores democráticos e à ordem internacional.

Em 2016, a Coreia do Norte realizou dois testes nucleares: um em 6 de janeiro e outro em 8 de setembro. O jornal, ao destacar o programa nuclear norte-coreano como uma ameaça global, publicou em 7 de janeiro uma reportagem sobre a queda nas bolsas de valores e a instabilidade regional decorrentes do teste. O temor em relação à Coreia do Norte aumentou ainda mais com o desenvolvimento de uma nova arma de hidrogênio, especialmente diante do crescimento econômico e militar da China, que vê na Coreia do Norte, uma aliada estratégica. Segundo fontes diplomáticas, esperava-se que as Nações Unidas intensificassem as sanções e ampliassem o número de indivíduos e empresas afetados pelas punições impostas desde o primeiro teste. A decisão ganhou força adicional após a Rússia e a China – aliados tradicionais de Pyongyang e membros permanentes do Conselho de Segurança – também criticarem o experimento atômico.

O quinto teste nuclear norte-coreano, ocorreu em 8 de setembro de 2016. Duas manchetes chamaram particular atenção: a do dia 4 de setembro, que descrevia a Coreia do Norte como um “Perigo real e crescente”, destacava que a potência do teste era dez vezes maior que a dos anteriores. O texto prosseguia:

O quinto – e maior até agora – teste nuclear da Coreia do Norte, realizado na manhã de ontem (horário local), gerou críticas da comunidade internacional, inclusive dos aliados China e Rússia, e aumentou a tensão na Península Coreana. O presidente americano, Barack Obama, advertiu para “sérias consequências”, e convocou às pressas o Conselho de Segurança da ONU, que se reuniu portas fechadas e emitiu uma condenação. A chefe de Estado sul-coreana, Park Geun-Hye, foi ainda mais dura e afirmou que o teste demonstra a “imprudência maníaca” de Kim Jong-un, que “receberá apenas mais sanções e isolamento. (O Globo, 2016, p. )

O último teste nuclear norte coreano, e o mais forte, foi em 3 de setembro. Uma manchete do dia 4 do jornal destaca que a Coreia era um “Perigo real e crescente”, destacando que a potência daquele teste era dez vezes maior que os demais realizados. Segundo o texto:

O sexto teste nuclear realizado pelo governo da Coreia do Norte causou repúdio mundial e ameaças de sanções dos Estados Unidos e da União Europeia. A Coreia



do Sul fez ontem exercícios militares perto da fronteira norte-coreana e o Conselho de Segurança da ONU anunciou uma reunião de emergência para hoje. (O Globo, 2017, p.19)

Outra manchete, publicada no dia 5 de setembro, destacava que a Coreia do Norte havia evoluído “De ameaça local a global”, enfatizando as capacidades nucleares e mísseis alcançadas pelo país.

Figura 7: “De ameaça local a global”. Recorte do acervo digital do O Globo.

Terça-feira 5.9.2017

**Mundo**

O GLOBO 21

TENSÃO NA PENÍNSULA COREANA

# De ameaça local a global

Seul simula ataque ao Norte e recebe aval americano para ampliar arsenal de mísseis

— O vizinho mais tenso da Coreia do Norte não demorou para responder ao poderoso teste nuclear realizado por Pyongyang no fim de semana. Ontem, após um dia de fortes condenações mundiais ao teste — classificado pela chefe da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Yukiya Amano, como “uma nova dimensão de ameaça”, passando de regional a global — a Coreia do Sul disparou mísseis ao mar, numa simulação de ataque ao Norte. Além disso, Seul conseguiu de Washington o sinal verde inicial para aumentar imediatamente o poder de fogo do arsenal de mísseis sul-coreano, atualmente restrito por acordo entre os dois países. Enquanto isso, países do Ocidente pressionaram por aumento de sanções à Coreia do Norte numa reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU, mas Rússia e China exortaram à diplomacia.

Numa demonstração de que pretende endurecer a posição contra Pyongyang, o presidente sul-coreano, Moon Jae-in, aprovou o deslocamento total do sistema antimísseis americano Thaad, ao qual se opunha inicialmente.

— Ele está se tornando cada vez mais duro porque o teste nuclear mostra que a Coreia do Norte está se aproximando da “linha vermelha” — afirmou Kim Hyun-wook, professor da Academia Diplomática Nacional em Seul ao “Guardian”. — Moon será flexível, mas ele sabe que o momento não é adequado para dialogar com a Coreia do Norte.

A simulação sul-coreana usou caças F-15 e mísseis balísticos Hyunmoo, calculando distâncias em relação a alvos militares na Coreia do Norte. No início da manhã de hoje (hora local), a Marinha fez disparos de mísseis em novos exercícios de simulação. Após os testes de Pyongyang, o presidente americano, Donald Trump, criticou o que chamou de soma tentativa sul-coreana de apagar os ânimos do regime de Kim Jong-un. Os EUA mantêm cerca de 28 mil soldados em bases na Coreia do Sul e têm a obrigação de defender o país em caso de guerra. Em Washington, ao ser perguntado se ataria a Coreia do Norte, Trump foi enigmático: — Veremos.

Ontem, Trump e Moon concordaram em “demonstrar pressão máxima e novas sanções contra a Coreia do Norte”. No entanto, o sul-coreano destacou que as sanções já aplicadas não impediriam que



Em alerta, soldados sul-coreanos próximos à fronteira com a Coreia do Norte. Ocidente pressiona por aumento de sanções na ONU, mas Rússia e China favorecem negociações

### PROGRAMA NUCLEAR NORTE-COREANO

Estágio 1	Estágio 2	Estágio 3	Estágio 4
Bomba atômica de implante	Bomba atômica refinada	Bomba atômica em camadas	Bomba de hidrogênio
Usa explosivos convencionais para comprimir e fazer a ignição do combustível nuclear	Usa um pouco de combustível termocuclear dentro do núcleo atômico	Mais combustível termocuclear fora do núcleo atômico	Usa muito combustível de hidrogênio levado à ignição pelo núcleo atômico
1	3	25	1.000

1 IGUAL A DE HICKEYMAK

### Brics adotam tom duro contra Pyongyang

A pedido da própria China, bloco mudou texto e disse 'deplorar fortemente o teste nuclear' de domingo

Fonte: O Globo <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

O discurso da ameaça global, amplamente utilizado por setores anticomunistas ao longo do século XX para se referir à União Soviética e à China, ressurge no jornal com foco na Coreia do Norte. Apesar de possuir uma população de aproximadamente 25 milhões de habitantes e enfrentar dificuldades econômicas, o país continua a ser retratado como uma ameaça Global.

Analisando as manchetes apresentadas, é possível identificar uma constante no

posicionamento do Jornal *O Globo* em relação à Coreia do Norte. Apesar do fim da Guerra Fria e da dissolução da União Soviética, percebe-se a persistência de uma narrativa que associa o país ao chamado "terror vermelho". Essa retórica, que remonta ao contexto da Guerra Fria, continua a ser utilizada para descrever a Coreia do Norte como uma ameaça à paz e à estabilidade global.

O discurso adotado pelo jornal reforça uma imagem estigmatizada da Coreia do Norte, posicionando-a como um perigo militar e político para os países ocidentais e democráticos. Essa narrativa não é recente: desde a década de 1950, quando o conflito na Península Coreana colocou o país em confronto com as potências capitalistas, a Coreia do Norte tem sido retratada como uma ameaça constante. Ao longo das décadas, essa representação foi perpetuada, mesmo com as mudanças no cenário geopolítico global.

O uso recorrente de termos como "ameaça", "perigo" e "desafio à comunidade internacional" evidencia uma permanência discursiva que associa a Coreia do Norte a um regime beligerante e expansionista. Essa construção narrativa não apenas reforça estereótipos, mas também justifica ações políticas e sanções internacionais contra o país. Apesar das transformações históricas e das dinâmicas geopolíticas, o discurso midiático analisado mantém-se alinhado a uma visão que enxerga a Coreia do Norte como um inimigo a ser contido, perpetuando uma imagem que remonta ao auge da Guerra Fria.

Vale ressaltar, no contexto desta pesquisa, que a Coreia do Sul foi o primeiro dos dois lados da Península Coreana a adquirir armamento nuclear. Esse fato, muitas vezes negligenciado nas discussões sobre a questão nuclear na região, revela uma assimetria histórica que pode ajudar a compreender as motivações por trás do programa norte-coreano. Além disso, é importante destacar que, apesar das inúmeras críticas dirigidas ao programa nuclear da Coreia do Norte – especialmente por parte dos Estados Unidos –, os próprios EUA foram o único país no mundo a utilizar armas nucleares em um conflito, detonando não apenas um, mas dois artefatos nucleares contra o Japão em 1945.

Esse paradoxo histórico coloca em perspectiva as críticas internacionais ao programa norte-coreano, evidenciando uma contradição nas narrativas dominantes. Enquanto a Coreia do Norte é frequentemente retratada como uma ameaça à paz global devido ao seu desenvolvimento nuclear, os Estados Unidos, que já empregaram armas nucleares em um contexto de guerra, assumem o papel de principais críticos e fiscalizadores do regime de não proliferação. Essa dualidade sugere uma seletividade nas normas internacionais, que parecem ser aplicadas de maneira desigual, dependendo dos interesses geopolíticos em jogo.

Além disso, vale uma reflexão sobre a presença militar estrangeira na Península Coreana e suas implicações geopolíticas. Enquanto as forças soviéticas deixaram a Coreia do Norte entre 1947 e 1948, o exército dos Estados Unidos permanece na Coreia do Sul até os dias de hoje, com um contingente de quase 30 mil soldados. O país abriga a maior base ultramarina dos EUA e representa a terceira maior presença militar estrangeira americana no mundo (BBC, 2023). Esse fator evidencia um desequilíbrio na forma como a soberania nacional é tratada na região: enquanto o poderio militar da Coreia do Norte é frequentemente citado como uma justificativa para a percepção do país como um Estado agressivo, a ocupação militar dos EUA na Coreia do Sul raramente é problematizada nos discursos midiáticos ocidentais.

Essa diferença de abordagem reforça a ideia de que a cobertura jornalística sobre a Coreia do Norte não apenas reflete interesses geopolíticos, mas também contribui para a construção de uma narrativa que justifica determinadas alianças e intervenções. A continuidade da presença militar americana na Coreia do Sul sugere que, apesar do discurso de defesa da democracia e da estabilidade regional, há também interesses estratégicos de longo prazo que moldam a política externa dos EUA na Ásia. A forma como esses elementos são enquadrados na mídia, portanto, desempenha um papel crucial na legitimação de determinadas posturas e na perpetuação de percepções assimétricas sobre os atores envolvidos no conflito coreano.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a análise do discurso anticomunista nas coberturas do jornal *O Globo* sobre a Coreia do Norte, com foco na Guerra da Coreia (1950-1953) e na Crise Nuclear (2006-2017), evidencia um viés persistente na forma como o país e seus aliados foram representados ao longo do tempo. Termos como "invasão comunista", "terror vermelho" e "ameaça mundial" foram recorrentes para descrever as ações norte-coreanas, enquanto a Coreia do Sul foi amplamente retratada como um bastião da democracia, apesar das complexidades políticas internas de seu governo. Figuras como Truman e MacArthur foram exaltadas como símbolos da luta pela liberdade, enquanto a União Soviética e a China apareceram como forças expansionistas e opressoras.

A análise realizada demonstra, de forma clara, as permanências nas representações construídas pelo jornal ao longo desses períodos, evidenciando como o discurso anticomunista se adaptou às transformações do cenário global. A transição da cobertura da guerra para o programa nuclear norte-coreano manteve esse enquadramento, reforçando a ideia da Coreia do Norte como uma "ameaça global" e um "perigo real e crescente" que desafia as potências ocidentais. A insistência na caracterização do regime norte-coreano como opressivo e imprevisível, em contraposição a um Sul progressista e alinhado ao Ocidente, sustenta uma lógica maniqueísta herdada da Guerra Fria.

Entretanto, ao longo do tempo, nota-se uma leve inflexão na cobertura. Se inicialmente predominava um tom de condenação intransigente, algumas reportagens mais recentes reconhecem a necessidade de diplomacia, sugerindo o diálogo como uma alternativa viável para conter a escalada de tensões, semelhante ao período da Guerra, quando o alto número de mortos e a violência da guerra, fez com que a postura do jornal tivesse uma abordagem mais diplomática em relação ao país. Ainda assim, a narrativa predominante continua a enquadrar a Coreia do Norte como um dos últimos resquícios da "ameaça comunista" do século XX, reforçando a percepção de sua existência como um risco constante à estabilidade global.

Além disso, essa análise ressalta o papel fundamental da mídia na construção de narrativas políticas e na influência sobre a opinião pública. A forma como determinados eventos são enquadrados e as terminologias utilizadas moldam percepções, legitimam ações políticas e reforçam discursos ideológicos dominantes. A seletividade na abordagem dos fatos, como a omissão ou minimização de aspectos que possam relativizar a narrativa hegemônica, demonstra a importância de uma leitura crítica da cobertura midiática.

A análise das coberturas da guerra Coreia e a Crise Nuclear permite compreender tanto as continuidades quanto as transformações desse discurso, destacando como a mídia não apenas reflete, mas também contribui ativamente para a construção de determinadas visões geopolíticas. Assim, este estudo visa contribuir para uma compreensão mais crítica e contextualizada da cobertura midiática sobre a Coreia do Norte e, de forma mais ampla, para uma reflexão sobre as intenções e informação que o grupo Globo tenta transmitir para seus leitores.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maxsuel Pereira; GALVÃO, Renata Silva de Oliveira. Mau agouro: a simbologia imagética do corvo na poética de Augusto dos Anjos e Vicent Van Gogh. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 22, n. 39, jul.-dez. 2020.
- BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.
- CHANG, Chin. **Neo-Confucianism in China: The Sung Era**. Cambridge: Harvard University Press, 1957.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- CHOMSKY, Noam. **Ilusionistas: Os EUA e o real sentido da política mundial**. Bertrand Brasil, 1996.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. Loyola, 2005.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papius, 1986.
- LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. (in): PINSKY, Carla Bassanezi.(org). Fontes Históricas. 2.ed.- São Paulo.Editora Contexto, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 18 fev. 2025.
- SADER, Emir. **A Nova Toupeira: Os Caminhos da Esquerda Latino-Americana**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso. Disponível em: <[https://resistir.info/livros/orientalismo\\_e\\_said.pdf](https://resistir.info/livros/orientalismo_e_said.pdf)>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- SCHRECKER, Ellen. **Many Are the Crimes: McCarthyism in America**. Princeton University Press, 1998.
- VISENTINI, Paulo Fagundes; MELCHIONNA, Helena Hoppen; PEREIRA, Ana Lucia Danilevicz. **A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo Zuche**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015. 200 p.

## FONTES

**BBC News Brasil** BBC. O que se sabe sobre soldado americano detido após cruzar fronteira da Coreia do Norte., 18 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c99x8r5gn8qo#:~:text=As%20tropas%20americanas%20na%20Coreia,seu%20programa%20de%20armas%20nucleares..> Acesso em: 24 fev. 2025.

**O Globo**, A espera do colapso do Norte. Rio de Janeiro, 15 de outubro 2006, matutina, o mundo, p. 40. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Ameaça de Guerra Mundial com invasão da Coréia. Rio de Janeiro, 26 de junho 1950, vespertina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Apoio da União Soviética. Rio de Janeiro, 01 de abril 1953, matutina, geral, p. 9. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Até os trabalhadores são objeto de contrato com a Rússia. Rio de Janeiro, 12 de janeiro 1950, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

**O Globo**, Bolsas globais caem com China e bomba H DA Coréia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 de janeiro 2016, matutina, economia, p. 19. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, China reprova teste norte-coreano. Rio de Janeiro, 13 de fevereiro 2013, matutina, o mundo, p. 28. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, China, o fiel da balança na crise norte-coreana/ É preciso conversar com monstros. Rio de Janeiro, 11 de outubro 2006, matutina, o mundo, pg 40. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Contraste de um povo dividido há meio século. Rio de Janeiro, 29 de maio 2009, matutina, o mundo, p. 30. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Enfraquece a Ofensiva Vermelha. Rio de Janeiro, 21 de maio 1951, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Fogem os comunistas chineses perseguidos pelas baionetas aliadas. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro 1951, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Fracasso espetacular da grande ofensiva chinesa. Rio de Janeiro, 22 de maio 1951, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Invasão Comunista na Coréia. Rio de Janeiro, 26 de junho 1950, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

**O Globo**, Luta pelo poder esta por trás da explosão atômica. Rio de Janeiro, 26 de maio 2009, matutina, o mundo p. 22. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Não obstruirá o armistício o Governo sul-coreano. Rio de Janeiro, 27 de julho 1953, matutina, geral, p. 16. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Não se cogita de enviar tropas do Brasil para a Coréia. Rio de Janeiro, 30 de junho 1950, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Nova Ofensiva Vermelha no centro da Coréia. Rio de Janeiro, 11 de janeiro 1951, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, O desafio nuclear de Kim. Rio de Janeiro, 10 de setembro 2016, matutina, o mundo, p. 23. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, O mais horrível crime do século. Rio de Janeiro, 16 de novembro 1951, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, O misterioso e imprevisível líder do Reino Ermitão. Rio de Janeiro, 07 de janeiro 2016, matutina, o mundo p. 23. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, ONU condena Coréia do Norte. Rio de Janeiro, 26 de maio 2009, matutina, o mundo, p. 21. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Oriente Armado. Rio de Janeiro, 10 de janeiro 2016, matutina, o mundo, p. 29. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Os problemas da Coréia. Rio de Janeiro, 23 de novembro 1953, matutina, geral, p. 8. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Paz difícil e perigosa. Rio de Janeiro, 14 de maio 1953, matutina, geral, p. 5. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Perigo Mundial. Rio de Janeiro, 28 de junho 1950, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Perigo real e imediato. Rio de Janeiro, 04 de setembro 2017, matutina, o mundo, p. 19. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, São aterradoras as perdas americanas na Coréia. Rio de Janeiro, 27 de abril 1951, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Suspeita de blefe. Rio de Janeiro, 07 de janeiro 2016, matutina, o mundo, p. 22. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Todo a Rússia está fazendo comícios... Pró paz! Rio de Janeiro 29 de junho 1950, matutina, geral, p. 1. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Todos contra a Coréia. Rio de Janeiro, 10 de outubro 2006, matutina, o mundo, p. 31. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

**O Globo**, Viagem ao país do pensamento único. Rio de Janeiro, 15 de outubro 2006, matutina, geral, p. 41. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 18 fev. 2025.